a Cena Muda

CINEMA e RÁDIO

Tony Curtiss em "E o noivo voltou"

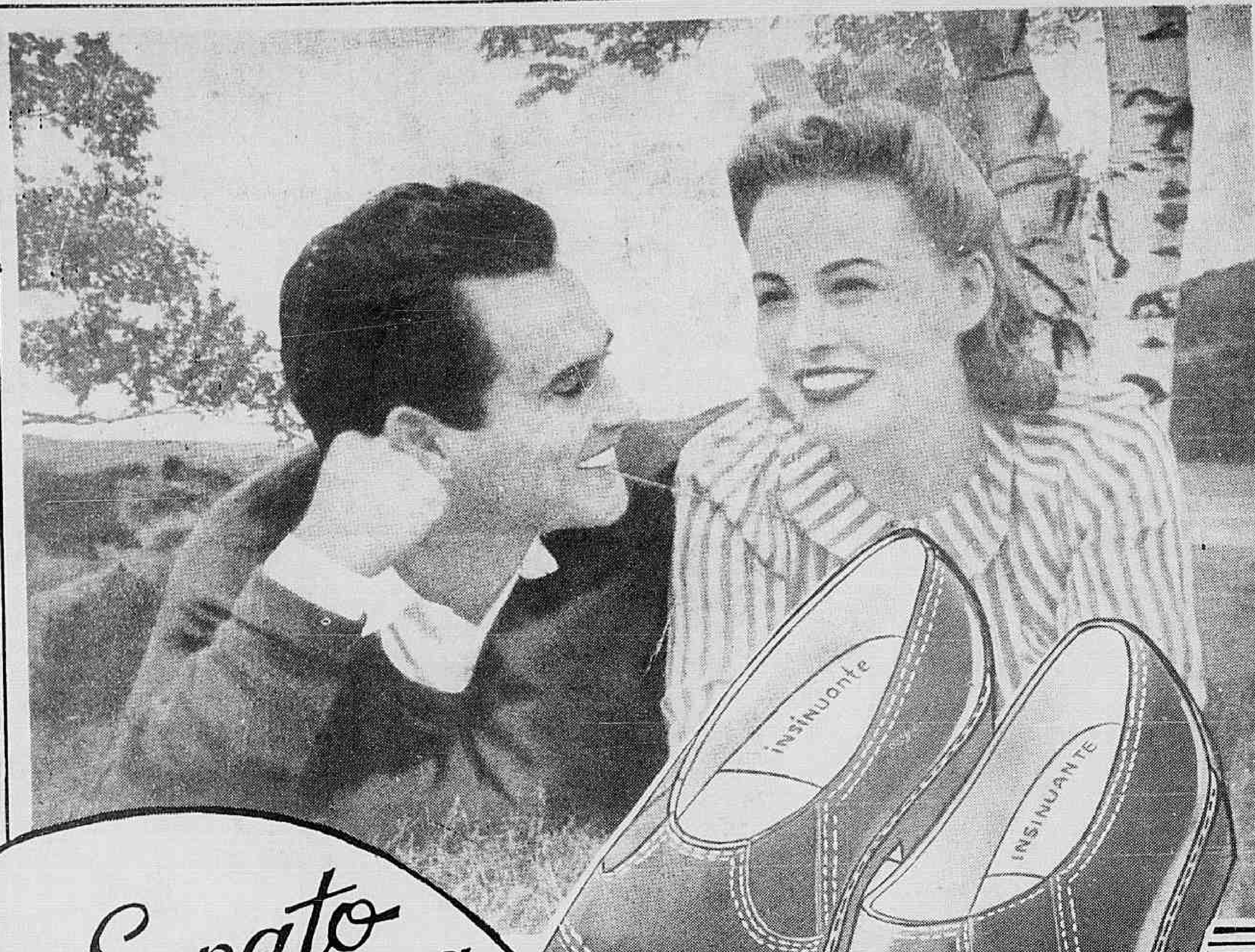
NOVO CASAMENTO no RÁDIO

Os melhores de 52 no Cinema

N.º 1 ★ 2-1-53 ★ Cr$ 3,00 em todo o Brasil



BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro





131

Um Sapato que dispensa ADJETIVOS

CR$ 179,00

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

- *Saltos de borracha*
- *Ótima vaqueta*
- *Côres: Preto-Beje-Vinho-Marron*
- *Numeração: de 34 á 44*
- *Remetemos para todo o Brasil porte Cr.$ 5,00*
- *Não faremos reembolso*

CARIOCA 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN
apresenta em



CINEMA

Reportagens especiais:

Retrospecto do cinema brasileiro: Os Melhores e os Piores de 1952 por Paulo Brandão .... 4 e 5
A CENA seleciona os melhores filmes de 1952 — escreveu Alberto Dines .... 12 e 13
O Barbeiro Richard Conte ator a fôrça, por Duice Damasceno Brito .... 18 e 19

Cine-romances:

Até logo querida 11
Café Cantante 14
E o noivo voltou .... 16 e 17

Seções permanentes:

Comentário: AVANTE CINEMA NACIONAL por Levy Kleiman.. 3
Estréias no Mundo do Cinema, por Lívio Dantas 6
Cine-Mundial 7
Telas da Cidade, por Alberto Dines .... 8 e 9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional, por Justos e Atrás das Cameras, por Mr. Take 10
O que a tela não mostra, por Lívio Dantas 15
Cena Responde e Cine--Crítica do Leitor 20

RÁDIO

Reportagens especiais:

Mais um casamento no Rádio 21, 22 e 23
Sílvio Caldas grava antigos sucessos 24
O movimento do rádio no primeiro semestre de 1952.. 25, 26, 27 e 28

Seções Permanentes:

Disse-me-disse, daqui-dali-dacolá, pontos de vista, e vale a pena saber 24
Rádio-Social e Sintonizando 33

Música Popular:

Para Você Cantar 30

Rádio-Novela:

As Rosas de Maria Angélica, 18º capítulo, de José Fernandes ... 31 e 32

COMENTÁRIO

AVANTE CINEMA NACIONAL

Os vinte e cinco filmes de longa metragem apresentados no ano que findou constituem a melhor resposta do cinema nacional aos detratores do decreto 8 x 1.

Não sabemos a trôco de quê, uma meia dúzia de críticos levantou uma campanha incoerente contra todo e qualquer filme nacional, seja bom, seja regular, ou seja simplesmente abacaxi. Êles que só concebem o cinema como arte e só arte, esquecendo-se de que a maioria dos que pagam quer se divertir, quer se emocionar, que troca dez cruzeiros por duas horas de ilusão, não concorda com o modo de pensar da meia dúzia de rapazes que é obstinadamente contra o cinema nacional.

O filme "Três Vagabundos" bateu no Rio e em S. Paulo recordes de bilheteria, o que constitui, sem dúvida, um acontecimento auspicioso, pois foi dinheiro que deixou de sair do Brasil. Não somos contra o cinema americano, nem contra qualquer outro cinema estrangeiro, mas somos radicalmente a favor do cinema brasileiro.

Os argumentos dos citados cronistas "anti-filmes nacionais é de que falta tudo ao cinema brasileiro. Êles acham que não temos diretores, que não temos histórias, que não temos artistas, que não temos fotógrafos, que não temos finalmente nada, nem filme virgem. Bem num ponto, ou melhor em dois êles têm razão, porque inicialmente não temos a matéria prima para rodar as películas, e assim mesmo produziu-se 25. O segundo ponto que também é capital é a falta de boas histórias cinematográficas. Quanto ao resto o progresso é evidente, boa fotografia, já se escuta o que os artistas falam.

Uma lei universal determina que só com a quantidade pode-se apurar a qualidade. O cinema nacional com tanta prática já melhorou tècnicamente, já tem uma meia dúzia de astros de bilheteria, e as boas histórias virão a seu tempo.

Avante cinema nacional, não há de ser meia dúzia de críticos que impedirá o progresso natural de uma indústria tão importante para as finanças do Brasil.

LEVY KLEIMAN

NOSSA CAPA:

Tony Curtis convida os leitores para uma taça de champagna auspiciando um feliz 1953. Nas páginas 16 e 17 os leitores poderão apreciar flagrantes do seu próximo filme: "E o Noivo Voltou..." (Foto Universal).

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor Gratuliano Brito — **Assistente** Renato de Alencar
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES:

Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Número atrasado	Cr$	3,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280.00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00



Rachel Martins e Mesquitinha em «Simão, o Caolho». Foi o primeiro filme de Cavalcanti. Filme bastante nacional, pelo seu conteúdo humano, social e político



Jaime Barcelos e Ilka Soares, em «Modêlo 19». Os agricultores do cinema italiano quase conseguem uma vitória consagradora com êste celulóide

O Cinema Brasileiro, durante o ano de 1952, apresentou nada mais, nada menos de 25 produções realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Já é, não resta a menor dúvida, um progresso bastante animador para o nosso incipiente indústria que, afinal de contas, com o apoio do Decreto do 8x1, veio encontrar facilidades de colocação no mercado nacional.

Outro avanço do filme brasileiro reside na sua apresentação; na melhor qualidade da fotografia e, não menos, da parte sonora. Já podemos escutar os diálogos do filme brasileiro, já podemos dizer que existe arrôjo por parte dos produtores que não vacilam em empregar capital superior a dois milhões de cruzeiros em seus filmes, não esperando de pronto o retôrno daquela vultosa quantia, coisa que ainda acontece em virtude do hábito mesquinho de pagamentos protelados, que proporcionam juros aos distribuidores, enquanto o produtor fica esperando pelo reembôlso do capital empregado. Entretanto, os produtores não desistem e sabem que quando fôr solucionado definitivamente o problema da distribuição no Brasil, poderão trabalhar mais e melhor para o engrandecimento da nossa indústria cinematográfica.

RETROSPECTO DO CINEMA BRASILEIRO

OS MELHORES E OS PIORES DE 1952

Por PAULO BRANDÃO



«Tico-Tico no Fubá», com Anselmo Duarte e Tônia Carrero. Êste foi o filme mais dispendioso de que temos notícias. Entretanto ficou muito a desejar esta produção; pois poderia ter sido um filme do Brasil para o Mundo

O sentido da crítica que aqui fazemos é ainda dirigido para a correção de certa situação ainda existente, infelizmente, no cinema nacional: fazemos votos para que, em 1953 entrante, pese bem nos ombros dos nossos argumentistas a responsabilidade de escreverem histórias bem brasileiras, que possam dar ao nosso povo e ao povo de outras terras o conhecimento da personalidade do filme brasileiro.

Não podemos deixar de assinalar que aconteceu em 1952 outros fatos importantes tais como: o Congresso de Cinema Brasileiro; o Sindicato dos Trabalhadores; a crise de filmes virgens; o desenvolvimento dos Clubes de Cinema; o Festival William Shakespeare, promovido pelo Clube de Cinema do Rio de Janeiro; o restrospectivo do Círculo; a Primeira Mostra do Cinema Brasileiro apresentada pelo Museu de Arte Moderna e o Centro de Estudos Cinematográficos de São Paulo. A entrada na Câmara dos Deputados, do projeto de criação do Instituto, etc.



Mazaropi, em «Sai da Frente», da Vera Cruz, lançava-se no pleito dos «Reis da Bilheteria» no Brasil



Marlene e Delfino em «Tudo Azul», da Flama. Constituiu surprêsa a luta travada nas bilheterias com «Barnabé tu é meu», na mesma semana de lançamento

Quanto ao Instituto, ou Conselho, ou tudo o que queiram, esperamos que algumas energicas emendas devolvam ao projeto seu sabor democrático. E bem sabemos que Cavalcânti não irá opor-se, pelo contrário, êle estará tão interessado como todos nós, que seja criado um órgão oficial que venha colocar o nosso cinema, na trilha certa do verdadeiro sentido da indústria cinematográfica.

Segundo o "slogan" de Pedro Lima, de "O Jornal" e do Bentes Montenegro, do "Correio da Noite", de que "Todo filme brasileiro deve ser visto". Passamos agora a uma apreciação sôbre os melhores filmes brasileiros apresentados na temporada de 1952.

A nosso ver, a melhor produção indígena, foi sem dúvida alguma, a que dirigiu o mestre Alberto Cavalcânti. Trata-se de "Simão, o Caolho", produção da Maristela, a cargo de Alfredo Palácios com Mesquitinha, Raquel Martins, Carlos Araújo; fotografia de Ferenc Fekete. Seguem-se "Tico-Tico no Fubá", direção de Fernando de Barros, com Anselmo duarte, Tônia Carrero, Marisa Prado, Modesto de Sousa, Ziembinsky; Fotografia de José M. Beltran e Chick Fowley.

"Modêlo 19", direção de Armando Couto, com Ilka Soares, Luigi Pichi, Jaime Barcelos, Miro Cerni; fotografia de Jacques Deheinzelin.

"Alameda da Saudade 113", direção do cronista Carlos Ortiz, com Rubens de Queiroz e Sônia Coelho.

"Canto da Saudade", direção do veterano cineasta Humberto Mauro, com Mário Mascarenhas e Cláudia Montenegro. Fotografia de Zeca Mauro.

"A Carne", direção de Guido Lazzarini, fotografia de David Altschuller, com Sadi Cabral, Guido Lazzarini e Olga Navarro.

OS REIS DA BILHETERIA

"Três vagabundos", por causa de Oscarito e Grande Otelo; direção de José Burle; fotografia de Amleto; produção Atlântida. "Barnabé tú és meu", por causa de Oscarito e Emilinha Borba; direção de José Burle; fotografia de Amleto; produção Atlântida. "Tudo Azul" tinha Marlene e Delfino, antes do casamento, direção de Moacir Fenelon, fotografia de Mário Pagés; produção da Flama. "Sai da Frente" e "Nadando em Dinheiro", por causa de Mararopi. Direção de Abílio Almeida e Tom Payne; fotografia de Chick Fowley, e o segundo sob a direção de Carlos Thiré e Abílio Almeida, fotografia de Nigel Chuke (ambos produção da Vera Cruz — São Paulo).

OS PIORES FILMES BRASILEIROS VISTOS DURANTE A TEMPORADA

Em primeiro lugar (empatados) "Pecadora Imaculada", assinatura de Rafael Mancini, com o emprêgo de Paulo Maurício e Jane Martins. "Rei do Samba", assinado por Luís de Barros, com Benê Nunes e Wahita Brasil; fotografia de Edgard Brasil. E, finalmente, "Beleza do Diabo" que não nos ocorre, no momento, os nomes dos responsáveis.



«Três Vagabundos», da Atlântida e Lewgoy, Zeca Burle, Otelo e Oscarito. Dizem que bateu o recorde de bilhetria

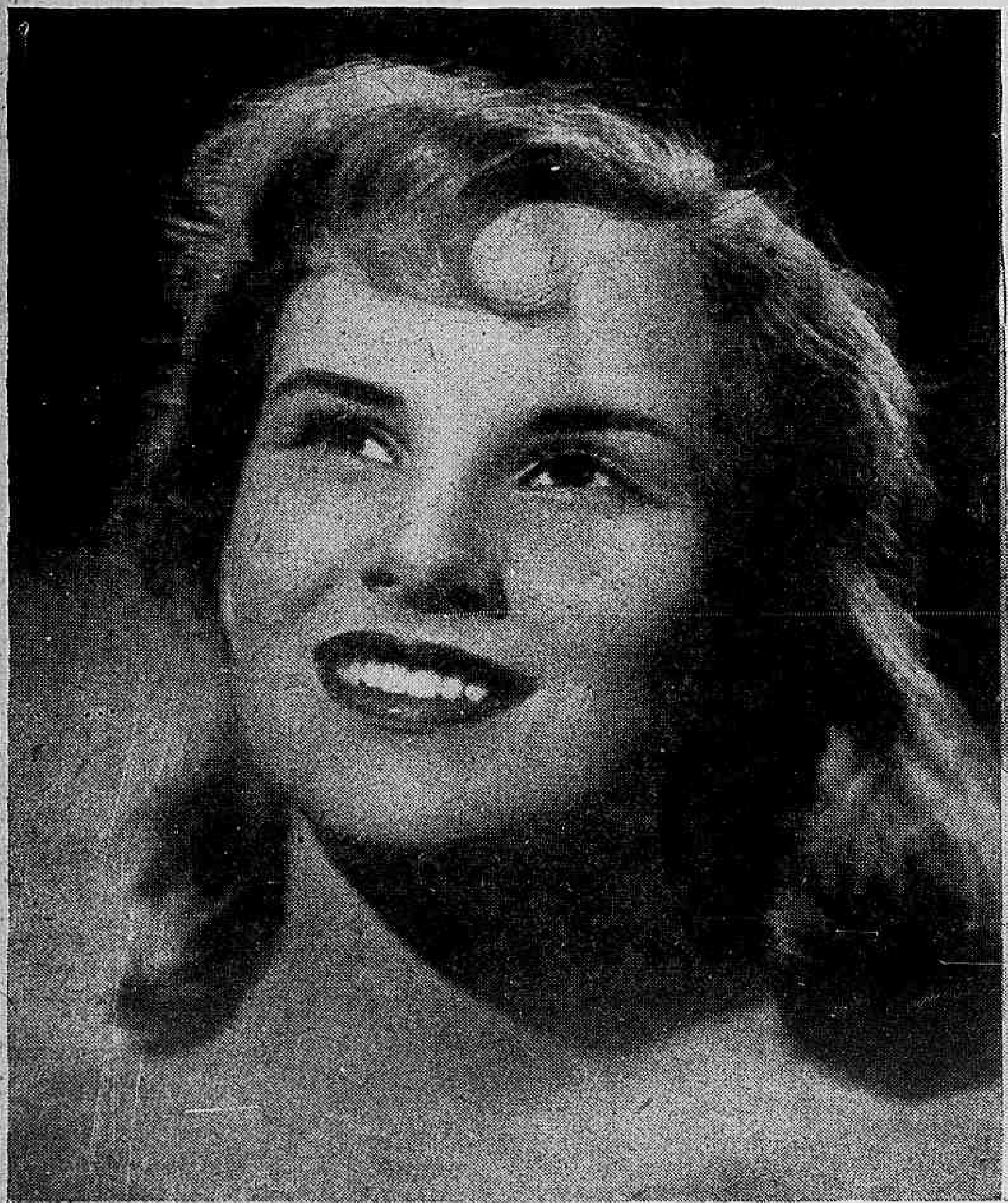


Gregory Peck numa cena de «Neves de Kilimanjaro», da Fox

ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA

AS NEVES DE KILIMANJARO (The snows of Kilimanjaro) — 20th Century-Fox

Baseado no famoso romance de Ernest Hemingway de igual título, "As neves de Kilimanjaro" é a interessante história dos amôres e das aventuras de um escritor cuja vida foi marcada com tôdas as emoções que seu irriquieto espírito exigia, desde o brilho das altas rodas sociais ao tenebroso mistério das selvas africanas. Gregory Peck vive êsse papel sedutor com sua habitual desenvoltura dramática, amado por três mulheres que são Ava Gardner, Susan Hayward e Hildegard Neff. Direção de Henry King e produção de Darryl Zanuck.



Antonella Lualdi, a linda figurante de «Cani e Gatti»



Umberto Spadaro (o boticário) numa cena de «Cani e Gatti»

PROGNÓSTICO — Apesar de não parecer, êste é um autêntico "filme de amor", daqueles que fizeram as delícias de algumas décadas atrás e que, pouco a pouco, se tornam mais raros. O filme está totalmente enquadrado naquilo que se chama um sucesso de bilheteria. Acreditamos também em suas qualidades artísticas.

CÃES E GATOS (Cani e gatti) — italiano

Estamos diante de uma comédia satírica sôbre lutas eleitorais num fictício lugarejo italiano. A luta é entre Don Fillipo, farmacêutico do lugarejo, e Dona Elvira, uma proprietária de alto coturno naquelas bandas. As máguas de Dona Elvira vinham de longe, desde quando foi levada ao altar por Don Fillipo, há vinte e tantos anos atrás, e diante do altar recusada pelo noivo na hora do "sim". As brigas começam, pois, em plena batalha eleitoral, quando ambos querem eleger-se prefeitos. Para maior afronta a seu opositor, Dona Elvira abre uma farmácia na localidade, esquecida de que a lei não permite duas casas do gênero num lugar com menos de três mil habitantes. E acontece que Ruvinello tinha exatamente três mil habitantes. Daí por diante, saem os candidatos a combate, Don Fillipo com o "slogan" de que o excesso de população traz a miséria, e Dona Elvira conclamando que o número é potência e que só os povos numerosos são felizes.

PROGNÓSTICO — Ótimo assunto para uma comédia, êste que Leonardo de Mitri escolheu para seu filme. Umberto Spadaro, Titina De Filipo, Antonello Lualdi e Armando Francioli estão à testa da interpretação.

ESTADOS UNIDOS

O diretor Bill Wilder considera "Edipo" a mais importante realização de sua carreira. O filme será rodado inteiramente na Grécia.

★

Depois de dois incêndios consecutivos nos estúdios da Warner, Bette Davis diz que só assinará contratos agora redigidos em fôlhas de amianto.

★

Plenamente entusiasmado com o sistema de cinema tridimensional "cinerama", o velho cineasta L. B. Mayer realizará, por êsse processo, dois filmes, "Paint your wagon" e "Joseph and his Bethren".

★



Com a participação artística de Gregory Peck, o diretor John Houston espera filmar, brevemente, a novela de Herman Melville "Moby Dick".

★

Parece que em assuntos de arte, o jovem John Barrimore Jr. não anda muito nas pegadas de seu famoso pai ou mesmo da família Barrimore. A prova disso é que os estúdios a que êle pertence, a fim de não perdê-lo de uma vez, viram-se obrigados a custear um curso de interpretação que o rapaz irá fazer em Paris.

★

Jane Russel passou um telegrama aos soldados americanos que lutam na Coréia felicitando-os pela conquista de duas colinas gêmeas que... por analogia os combatentes batizaram com o nome da estrêla...

★

As cinco esperanças do cinema americano estão depositadas em Debra Paget, Jephrey Hunter, Robert Wagner, Anne Francis e Marilyn Monroe.



JITTEBURG — Interpretando o papel que a tornou famosa na Broadway, Ethel Merman leva a uma côrte européia os ritmos americanos na produção musical da Fox, «Call me Madam». George Sanders que contracena com Ethel Merman aprende um passo do «Jitteburg

CINE-MUNDIAL

FRANÇA

Pierre Fresnay fará, em dois filmes diferentes, o papel de Lizst e Wagner.

★

Viviane Romance será Maria Madalena numa interpretação que todos dizem vem mesmo a calhar...

★

ITÁLIA

Definitivamente, Silvana Mangano será a heroína de "Guerra e Paz", de Tolstoi.

★

O instrumentista americano Louis Armstrong tomará parte num filme italiano intitulado "Saluti e Baci", sob a direção de Giorgio Simonelli.



James Mason e sua espôsa Pamela, pagam uma visita ao sr. e sra. Richard Burton no «set» de «Minha Prima Rachel», da Fox, na qual Burton contracena com Olivia de Havilland. Êste é o primeiro papel do ator inglês no cinema americano



ÚLTIMO BALUARTE

Tínhamos chegado no meio do filme, meio (leia-se, bastante) aborrecidos com os deveres profissionais, quando, já acomodados em ótima poltrona e em ótima vizinhança, nos surpreendemos com alguns momentos desta obra.

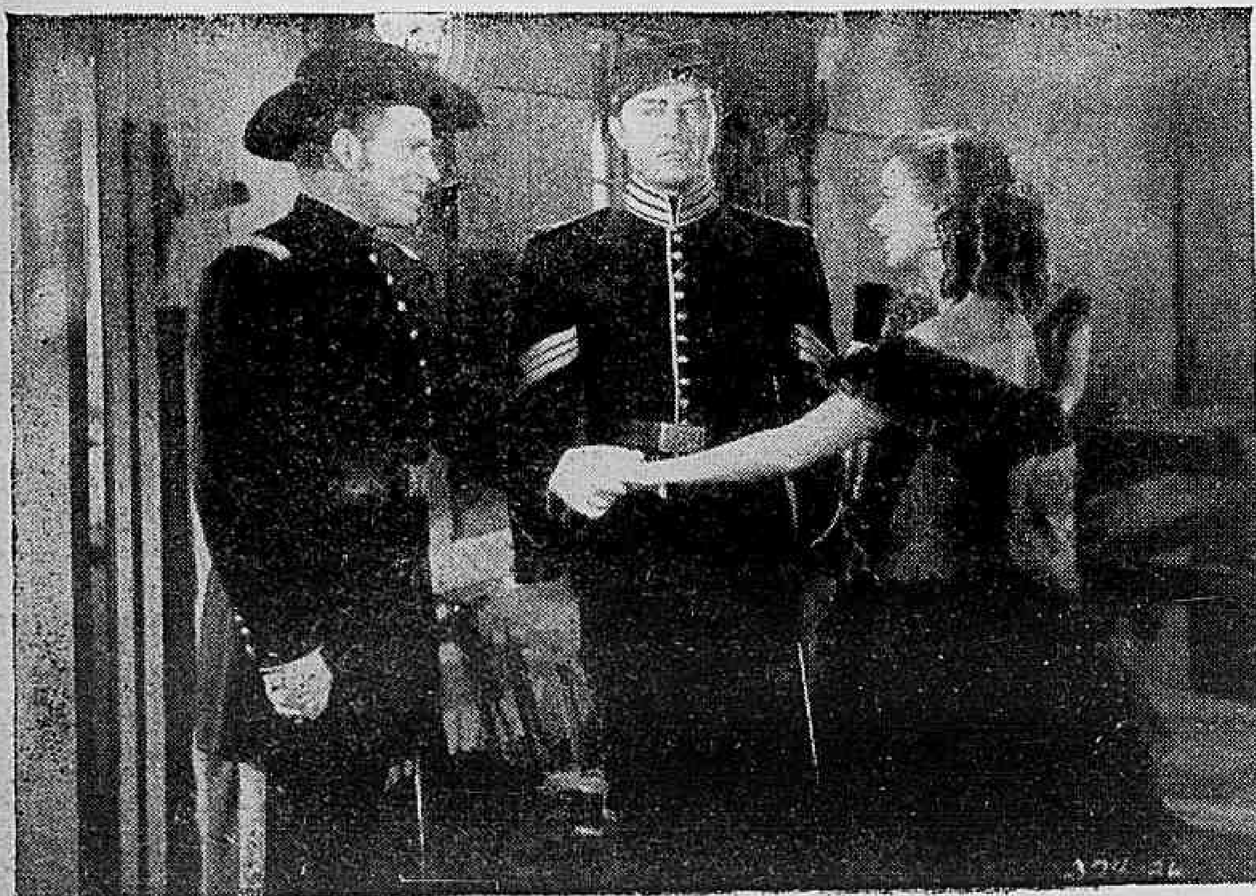
E quando iniciado o filme justificou-se nossa surprêsa: um dos cenaristas é Harry Brown, um dos cenaristas do magnífico "Um lugar ao Sol".

Não é que êste filme, igual a dezenas de outros já vistos, tenha grandes momentos de cinema, de drama, ou explore facetas inexploradas ainda, apesar da constante falta de imaginação e de originalidade da indústria-nos-moldes automobilísticos de Hollywood.

Sobressaem nesta obra, uma grande fluência de narração e que fazem dela *um filme de cenário*, um filme realizado já na concepção. A direção resumiu-se no aproveitar o sugerido pela cenarização, e explorar a ação e o movimento do ambiente e história.

A par disto, a excelente música de Tiomkin, épica e vigorosa, preenche os vazios emocionais e dramáticos que a própria cenarização e a realização não puderam dar atenção à natureza industrial dêste produto.

Um bom desempenho de Ray Milland e de Hugh Marlowe completam êstes recursos que salvam o filme de um fracasso total e definitivo.





TELAS DA

OS QUE NÃO DEVEM NASCER

Apesar do título publicitário, não resta a menor dúvida de que êste filme nórdico (da Nordisk) é uma obra de cunho essencialmente social.

Mas ao estudar o *social* e o *político* dos países nórdicos, teremos que contar com um anterior conhecimento da psicologia dos nórdicos (suecos, dinamarqueses, noruegueses, etc.). E ao estudar a psicologia dêstes povos veremos antes e acima de tudo, o elemento *Natureza* influenciando.

De fato, a pacatez, a frieza do ambiente norte-europeu influencia marcantemente os seus habitantes, dando como conseqüência que o próprio socialismo nórdico é mais fruto da natureza ética, justa e honesta do nórdico do que resultante de um fervilhamento político e revolucionário.

Assim, êste filme abordando um tema menos humano e mais social (porque vai as relações entre os homens), mesmo neste social (que pressupõe um certo vigor), êle permanece dentro da psicologia nórdica, de uma certa maneira fria, muito poética e muito pueril.

Percebe-se em todo o decorrer dêste filme a puerilidade na armação da trama e do drama sobrenando inclusive alguns momentos de "dramalhão" bombástico, quando os seus realizadores querem usar de fôrça.

Mantendo-se coerente à linha dos antigos cineastas nórdicos (e sobretudo suecos) o filme é envolto em tôda uma atmosfera pura e, por assim dizer, sadia e "viçosa" como conseqüência do arraigamento à Natureza, típico da alma nórdica. O filme atinge ao seu máximo exatamente nos momentos em que focaliza as crianças ou a bela e límpida Ditte.

Um excelente tratamento fotográfico e alguns momentos de bom cinema foram criados com êste mesmo espírito de amor à natureza e que lembram (por êste espírito e pela ingenuidade em adotá-lo), velhas obras de cinema nórdico e mesmo tcheco.

Bons atores contribuem para a pulsação e "vivência" do filme.



CIDADE

ALBERTO DINES

MULHER FALADA



Muito já se falou neste ano em Antony Asquith. Nós mesmos, quando da exibição de suas duas obras anteriores, nos estendemos em vastos comentários. E' agora, com sua terceira obra (as duas outras: "Nunca de amei" e "Um caso de honra"), Asquith afirma-se como um dos maiores homens do cinema contemporâneo.

Suas obras não se arvoram a resolver todos os problemas do Homem, nem os temas abordados por êste cineasta inglês são decisivos para o progresso da humanidade. Os motivos são simples. Mas são sérios.

— Uma coisa de cada vez, parece querer dizer o mais inglês dos cineastas inglêses. A beleza de suas obras é serena, madura, calma e segura. Êle prescinde, quer dos malabarismos de forma, quer do virtuosismo de temas e idéias. A grandiosidade e a profundidade vêm do abordar profunda e grandiosamente um tema simples e despretencioso. Arte, êle cria derrubando as muralhas de cerebralismo e intelectualismo que cineastas (e artistas outros) modernos (franceses e americanos) erigiram à sua volta. Um dos filmes mais belos que nos foram dados ver êste ano foi o seu "Nnunca te amei", e a obra, entretanto, não deixou de se constituir num grande filme, igual mesmo para as platéias que procuram na tela um mero entretenimento. E' esta a chave: abandonar, fugir da "estufa", da "tôrre de marfim" que envolve a Arte e que a põe, sòmente, ao alcance de alguns privilegiados e torná-la acessível às mentes e aos corações de todos. Corações há que sentem, mas há os que não sentem. Todos palpitam, porém . . .

Apesar desta simplicidade, há em Asquith a inconfundível e inseparável elegância britânica. A mesma distinção que faz dos alfaiates inglêses os melhores do mundo e que não permite ao inglês terminar sua xícara de chá ou acabar de beijar uma mulher, esta mesma distinção dá a Asquith sutileza e sobriedade no situar, enunciar e sublinhar as teses e mensagens de suas obras. Um realizador latino grifaria o pensamento de sua obra com algum vigor formal e mesmo oratório. Asquith, por sua vez, lança suas teses desde o início, como um cumprimento, e no fim do filme o espectador já está vivendo estas teses, e já necessita dos *negritos* epilogadores.

Já o dissemos algumas vêzes antes: tudo isto deve-se à anterior formação teatral dêste diretor. O Teatro ensinou-lhe, acima de tudo, a preocupar-se, essencialmente, com o elemento Homem. E' esta preocupação pela pulsação humana, que faz as suas obras fluírem e ancorarem nas mentes e corações dos que as vêem. Antes de tudo — prega Asquith — é preciso estudar as reações, as situações, as interpretações, as vozes, as falas, os movimentos. O shot precisa regorgitar de vida, de realidade, de sentimentos e emoções. Depois virá a preocupação pela enquadração, pela iluminação e outros elementos de cinema.

"Mulher Falada" é, e tem tudo isto.

E mais: servindo-se da mesma idéia que orientou o cenarista Nunely Johnson em "Telefonema de um estranho" e antes dêle ao cenarista de "Rasho-Mon", a cenarização e direção de "Mulher Falada" obedecem a orientação de contar determinado fato e acontecimento sob diversas versões e pontos de vista (e mesmo sob diversas profundidades). Em "Rasho-Mon", cada versão significa um princípio filosófico. Em "Telefonema", as versões (lançadas mais sutilmente e menos evi-

(Cont. na pág. 34)



Oscarito e Maria Antonieta Pons numa cena do carnavalesco da Atlântida: «Carnaval da Atlântida»

ATRÁS das CAMERAS

Por MR TAKE

Aproxima-se a data da realização das eleições para a nova diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos. Pelo que estamos seguramente informados a chapa relâmpago a ser apresentada por um grupo de gente laboriosa, vai dar o que falar, contudo êles muito farão pela unidade e defesa da classe, coisa que nunca aconteceu, desde a data da fundação daquela famigerada associação. Oportunamente serão lançados aqui os nomes dos candidatos. Aguardem...

★

"Scaramouche", da MGM, está fazendo uma dinheirama, entretanto não chegará a bater o record de bilheteria de "Três Vagabundos", da Atlântida.

★

Só para chatear a U.B.C. lançará ainda êste ano o filme de David Lean, "Oliver Twist"

★

Está correndo o boato pelo "beco do inferno" que Campliglia rejeitou meio milhão de cruzeiros de luvas, pela sua bomba chamada "Balança Mas Não Cai".

NOTÍCIAS e ÇOMENTÁRIOS do CINEMA NACIONAL

por JUSTUS

VISITANDO A «TERRINHA» — Encontra-se no Rio, o jovem ator Jaime Barcelos que aproveita suas merecidas férias para «dar uma espiada pelo torrão natal». Barcelos, que começou no Teatro do Estudante, do Rio, foi para São Paulo e lá rápidamente alcançou um grande nome graças aos seus magníficos desempenhos em diversas peças de vulto. Últimamente, êle atuava no elenco do T.B.C. onde estêve esplêndido na «Antigona». No cinema, Barcelos já deu diversas contribuições, fazendo sempre papéis secundários mas compondo excelentes tipos («O Comprador», «Suzana e o presidente», «Desvio», e «Modêlo 19»). E agora soubemos que Civelli no seu positivo impeto de arrebanhar gente boa, contratou-o com exclusividade para fazer quatro filmes por ano. Isto pressupõe, ao nosso ver um abandono do T.B.C. e da Vera Cruz (companhias coirmãs). Barcelos, anda estudando com afinco teoria e realização cinematográficas (Isto !... E' assim é que se vai longe!), num visível contraste com a maioria de nossos atores da tela. Isto pressupõe, igualmente, planos mais ambiciosos e mais grandiosos por parte do jovem e grande ator.

★

LANÇANDO ANCORAS: — No município de Nova Iguaçu — Estado do Rio — foi fundada em surdina uma nova emprêsa cinematográfica. Tratase da **Cine-Sol** criada sob bases amplas e progressistas e orientada por nomes significativos (Pedro Neves, Drotovio Estevam de Lima, Francisco Manoel Brandão, Mário Augusto, e Alberto Shatovsky). Amparada pela municipalidade a emprêsa já tem em vista um vasto terreno onde será construído um estúdio e instalações. Enquanto não se inicie sua produção em larga escala de longa metragem, a emprêsa continuará realizando documentários e curta-metragens, estando em preparação um documentário orientado por Alberto Shatovsky que, quando terminado se constituirá num marco inédito na cinematografia nacional. Parabéns a todos.

(Continua na pág. 34)



Colé e Grande Otelo formam uma nova dupla em «Carnaval da Atlântida»



Chérie aceita a combinação; casar-se-á com Bruno, mas só por dinheiro . . .

CINE-ROMANCE

ATÉ LOGO, QUERIDA

(ADIEU, CHÉRIE)

Uma seleção "Cofiram" distribu'da pela "França Filmes do Brasil"
Direção de RAYMOND BERNARD — Produção de "Les Films Osso"

ELENCO:

DANIELLE DARRIEUX .... *Chérie*
LOUIS SALOU .... *Conde Maxim de Bresset....*
GABRIELLE DORZIAT .... *Constance Brétillac*
JACQUES BERTHIER .... *Bruno Brétillac*
PIERRE LARQUEY .... *O Pai de Bruno*



O que, entretanto, ambos não tinham previsto, acontece: o amor . . .

Tôda a atração daquele cabaré repousava sôbre a figurinha insinuante de uma jovem conhecida pelo doce nome de Chérie (Danielle Darrieux), e a história tem início quando, por ocasião de uma batida policial, ela trava conhecimento com Bruno Brétillac (Jacques Berthier), um rapaz de boa família, o que não o impedia de procurar em noitadas alegres um emprêgo mais ameno para o seu tédio.

Ao saírem da Chefatura de Polícia, aonde os conduzira o zêlo mais ou menos truculento dos mantenedores da ordem e da moral urbanas, decidem os dois jovens acabar a noite bebendo e dançando em qualquer "boite" da grande cidade. Interessado pela tentadora Chérie, Bruno entrega-se de corpo e alma aos seus cuidados, numa tentativa de esquecer por alguns momentos que os seus pais desejavam casá-lo com uma rica, insignificante e feia provinciana ao lado de quem êle absolutamente não pode nem sequer pensar em amor.

No decorrer da palestra e das confidências, Bruno imagina um magnífico ardil: sob um pretexto qualquer, Chérie se introduzirá no seio de sua família, fará com que todos a adorem e desbancará a incômoda criatura dos seus pesadelos.



Depois de uma noite alegre: a ressaca . . :

Chérie aceita a combinação e ambos estabelecem o plano de ataque. Em primeiro lugar é preciso que se casem. Tão logo Bruno entre na posse de sua fortuna, tratarão de divorciar-se, e Chérie, que encara tôda esta conspiração como simples negócio, receberá uma soma bastante compensadora pelo auxílio prestado.

Graças ao apoio de um de seus amigos, o conde Maxim de Bresset (Louis Salou), velho nobre arruinado e antigo cortejador da tia de Bruno, Constance Brétillac (Gabrielle Dorziat), Chérie consegue ser convidada a visitar a propriedade dos Brétillac. Ostentando tôdas as qualidades de uma donzela virtuosa, a jovem domina literalmente o pai de Bruno (Pierre Larquey) e a terrível tia Constance, que desde então só reza pela sua cartilha.

Quando Bruno, algum tempo depois, se apresenta, todos acham muito natural que êle se apaixone doidamente pela jovem. O que, entretanto, ambos não tinham previsto, acontece: o amor, dantes apenas simulado, torna-se real, imperioso, unindo-os na mesma encantada surprêsa, esquecidos do aventuroso conluio por meio do qual pensavam melhorar, êle a paz do seu espírito, ela as suas mal equilibradas finanças.

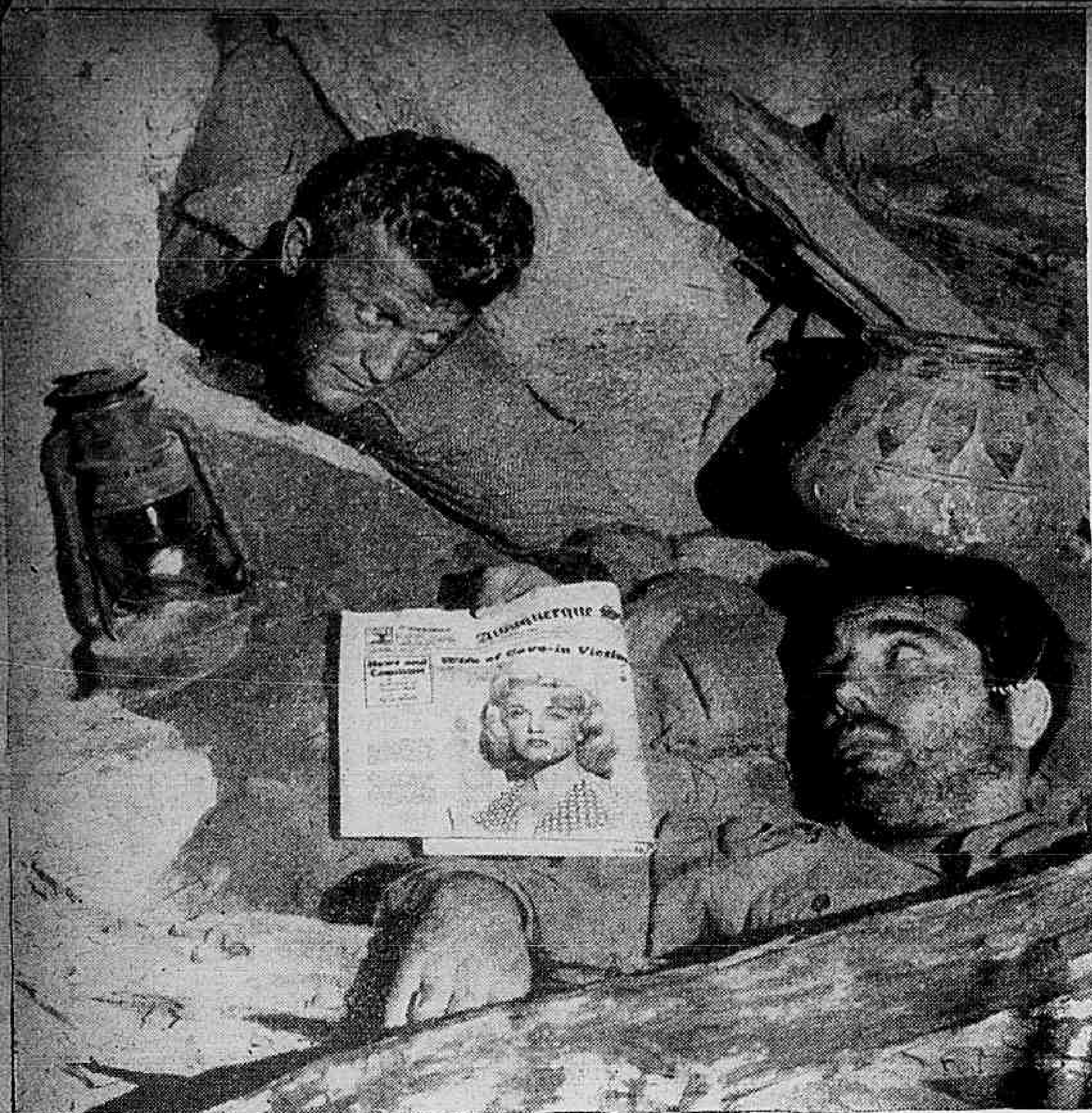
Bruno vive em êxtase perene, Chérie abandona-se a essa maravilhosa viagem pelo azul . . . Apenas o conde Maxim, o "velho tio", como o chamam, conserva a presença de espírito, alertando Chérie do perigo de que mais dia menos dia, se descubra o seu subterfúgio. A jovem, porém, a nada quer atender: Bruno a ama, ela o adora, tudo está dito.

Chega por fim o dia do casamento. Chérie acaba de dar os últimos retoques no seu flamante vestido branco. Entram os Brétillac. Vêm oferecer-lhe um suntuoso colar, velha relíquia de família que todos os Brétillac usaram no dia de suas núpcias. Tanta afeição brilha nos olhos da tia Constance que Chérie, incapaz de suportar o súbito remorso de continuar enganando aquela boa gente, confessa tôda a verdade.

Uma bomba explodindo no recinto não causaria maior escândalo, mais terrível reação. Constance, impiedosa, recusa-se a perdoar. Chérie deverá deixar aquela casa onde entrara com chaves falsas e se fizera amar a golpes de hipocrisia. Para evitar, no entanto, a vergonha pública que não deixaria de se bater sôbre a honesta casa dos Brétillac, o casamento será realizado. Feito isso, Chérie partirá para onde queira, deixando Bruno na ignorância da lamentável cena ocorrida entre todos, mas não sem antes dizer ao rapaz que não o ama, que jamais o amara e que lhe mentira apenas para ajudá-lo a melhor representar seu papel. Chérie aceita o sacrifício e é com um perfeito cinismo que despedaça, à noite, as ilusões do pobre Bruno. Em seguida, com a alma também despedaçada, abandona a casa que lhe fôra tão hospitaleira e onde ela, purificada pelo amor, soube renunciar a uma felicidade a que não se julgava com direito.



Afinal . . . para evitar a vergonha pública que não deixaria de se bater sôbre a honesta casa dos Brétillac, o casamento foi realizado . . .



«Montanha dos Sete Abutres», de Wilder. Retrato da Imprensa, retrato do mundo de hoje



«Uma Rua Chamada Pecado», de Kazan. Virtuosismo da miséria e da sordidez

A "CENA" SELECIONA OS

Por ALBERTO DINES

Ao aproximar-se o fim do ano, além dos tradicionais "porres" e bebedeiras, além dos tradicionais abraços efusivos-e-indiferentes de felicitações, além das tradicionais alegrias-tristes-e-vazias, além das tradicionais esperanças-logo-desfeitas, além dêste tradicional alinhavando de esperanças tradicionais, há uma tradiçãozinha que poderiamos chamar de "jornalística".

Não há colunista, redator, comentarista, repórter farejando caninamente grandes furos, não há cronista entediado e bocejador, não há "foca" com aspirações chateaubrianescas, não há secretário berrando títulos, gritando sensações, enfim não há homem de jornal que não sinta na rudeza de sua labuta, as "emoções" do ano que agoniza e componha inspiradamente em seu teclado alguma canção de Natal e de fim de ano.

Todos sentem-se tocados pela seriedade do momento e batucam seus "retrospectos", suas "previsões".

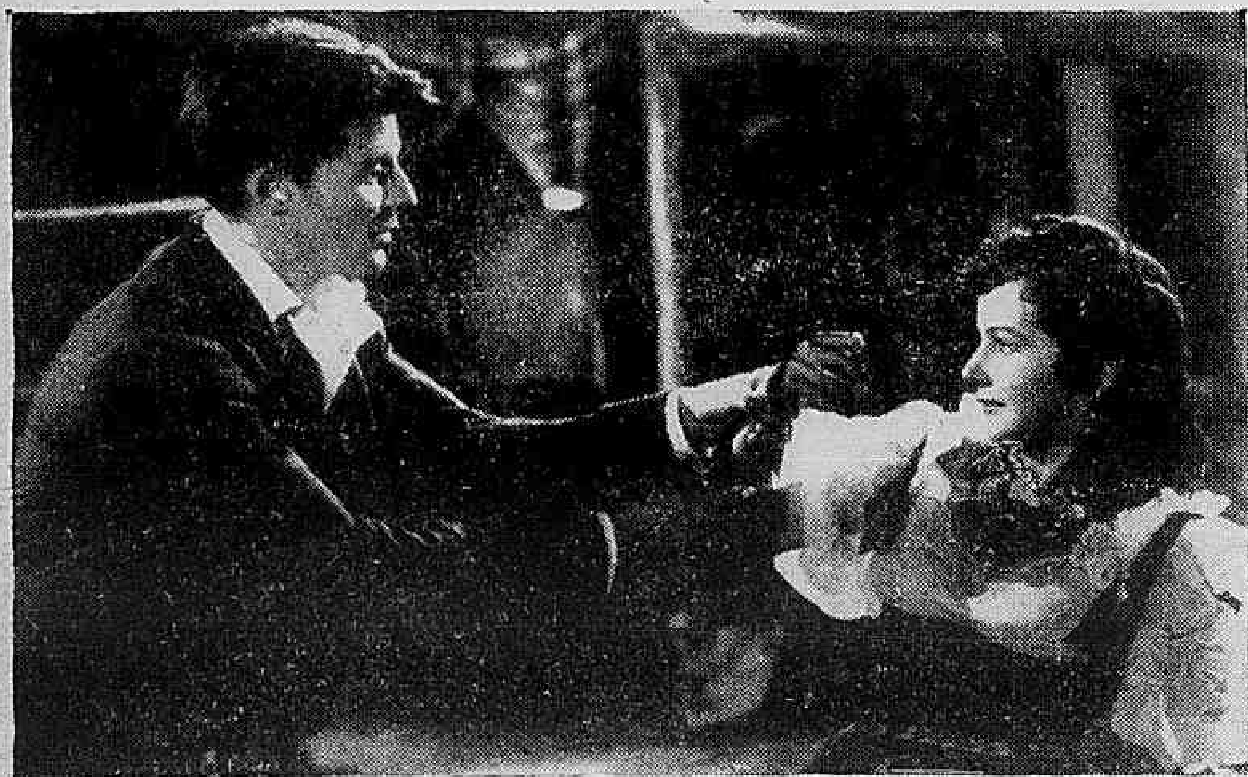
Mas não há motivos para nada disto! Há sòmente uma convenção jurídica universal que permite a mudança de um número no sufixo do ano. Há sòmente uma nova combinação cabalística. Há sòmente mais uma data que as crianças daqui a alguns anos decorarão como "um período negro da história universal". Há sòmente a aproximação de uma grande data — a morte convulsionada e fedorenta dêste capítulo da História e o nascimento de um outro, que também não será definitivo, que também um dia morrerá convulsionado. Pobre história condenada a não parar numa Revolução Francesa, condenada a não descansar nas coisas boas, condenada eternamente a procurar, a indagar dialèticamente por novas "teses", novas "antíteses", novas "sínteses". Pobre História condenada a viver solteira, mãe dos filhos bastardos...

★

De imprensa como as outras, a nossa máquina também clama por um retrospecto. (Por que não? — choraminga ela. — Tôdas fazem!) E o beicinho desta mulher fiel (que nunca pediu nada, mas que deu tudo e, sempre com uma alegre canção, mesmo quando a tristeza nos emperrava os dedos e embotava a cabeça que se recusava a gerar coisas que não sentia), e o beicinho, a voz chorosa de minha máquina convenceu-me a dar-lhe esta alegria. Vou fazer um retrospecto. Boas Festas, Feliz Ano Novo!

O ano de 1952 é um ano sério na história do cinema. Foi um ano de crise. Crise de evolução. Ao passo que a indústria e a filosofia da produção em série atingia ao seus máximos, ao passo que (como conseqüência) a morfinização das platéias pelo cinema atingia expressões gigantescas, ao lado disto tudo, nota-se nítida uma tendência para a libertação destas normas comerciais e asfixiantes. No mundo ocidental, na Itália, na França e na Inglaterra e mesmo nos Estados Unidos (Stanley Kramer) percebem-se as tentativas auspiciosamente bem sucedidas de se fazer Arte, mas sem abandonar a acessibilidade as platéias.

E' no seu aspecto de Arte, que êste



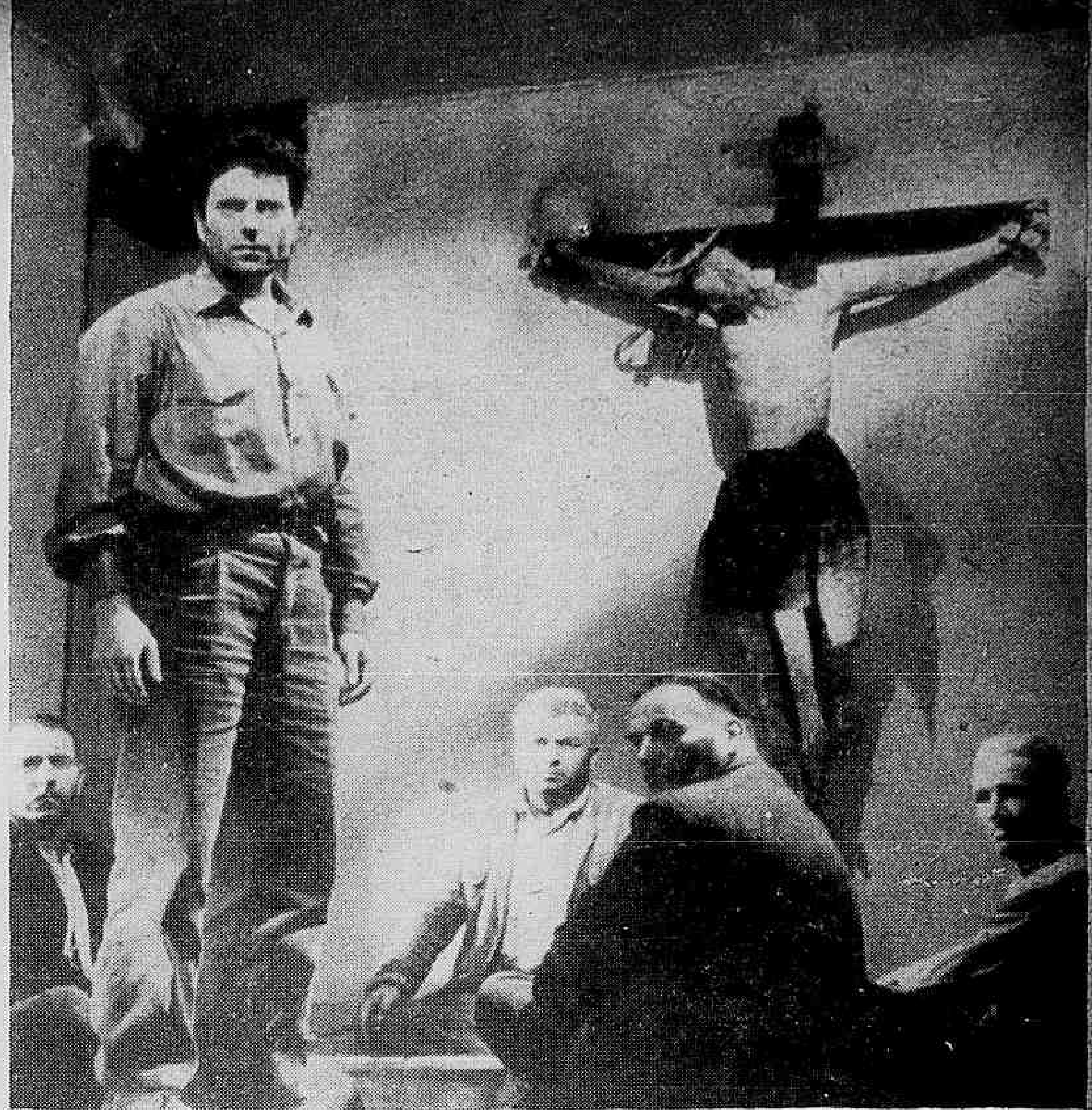
«Entre a Mulher e o Diabo», de Clair. Poética lenda com intrínsecas atualizações



«Um lugar ao Sol», de Stevens. Equilíbrio entre a Forma e Conteúdo



«Horas Intermináveis», de Hathaway. A pureza da juventude em choque com as misérias dos homens



«Cristo Proibido», de Malaparte. Grito contra a guerra. Violento e necessário

MELHORES FILMES DE 52

ano de 1952 trouxe para o cinema um fortalecimento estético, teórico e intelectual bastante denso. Preocupação por novas formas de narração, por novas expressões de sintaxe e de linguagem, procura por novos campos a atingir, novos gêneros (o filme de episódios, — o conto cinematográfico —), novas e mais harmônicas sínteses com o teatro, com o ballet, com a pintura e, por outro lado, o descobrimento do exterior, a injeção de Vida (o neo-realismo), são de uma forma geral as novas conquistas do cinema nestes 365 dias que ora findam. Sobretudo, e apesar de tudo (e desta horrorosa rima) o cinema se revigora com os temas abordados, com as fôrças das mensagens, com a seriedade das inquietudes dos cineastas de hoje.

Sem obedecer a uma ordem hierárquica (é absurdo e incompatível com a Arte o espírito de competição esportivo) e levando em consideração critérios artísticos (de Obra — Forma e Conteúdo —, e não sòmente de tratamento) e de seriedade de gênero, são êstes os melhores filmes do ano.

UM LUGAR AO SOL — De George Stevens, adaptado de "Uma Tragédia Americana", de T. Dreiser, uma das mais vigorosas obras de cinema onde a Forma se entrosa harmônicamente com o Conteúdo.

MONTANHA DOS SETE ABUTRES — De Billy Wilder, um dos maiores retratos da Imprensa e do Mundo Moderno.

CRISTO PROIBIDO — De Curzio Malaparte, uma das bem merecidas chicoladas no Homem de hoje. Um berro contra a guerra.

CAMINHO DA ESPERANÇA — De Pietro Germi, um filme real, puro e confiante.

NUNCA TE AMEI — De Anthony Asquith (que se revelou — por ser um homem de teatro — um dos mais duros homens de cinema), uma obra serena, bela e madura.

HORAS INTERMINÁVEIS — De Henry Hathaway, a pureza da juventude entrando em choque com a sordidez dos Homens culminando com uma mensagem confiante e otimista.

ENTRE A MULHER E O DIABO — De René Clair, uma lenda engraçada, poética e atualizada, contendo respostas para muitos dos modernos problemas de hoje.

UMA AVENTURA NA ÁFRICA — De John Huston, uma maravilha, um minueto mozartiano, delicioso e encantador.

CHAGA DE FOGO, de William Wyler, UMA RUA CHAMADA PECADO e VIVA ZAPATA, de Elia Kazan, grandes obras de Cinema, de Arte, mas com as quais discordamos, por assim dizer, "filosòficamente".

MENÇÕES HONROSAS, (sem ordem hierárquica), cabem a "Nascida Ontem", de Zukor, com Judy Holiday, 'Cyrano de Bergerac", com José Fer-

(Cont. na pág. 30)



«Viva Zapata», de Kazan. Grande filme. História deturpada. Muitas verdades políticas



«Caminho da Esperança», de Germi. O neo-realismo: realidade, pureza e otimismo



Cine-romance

CAFÉ-CANTANTE

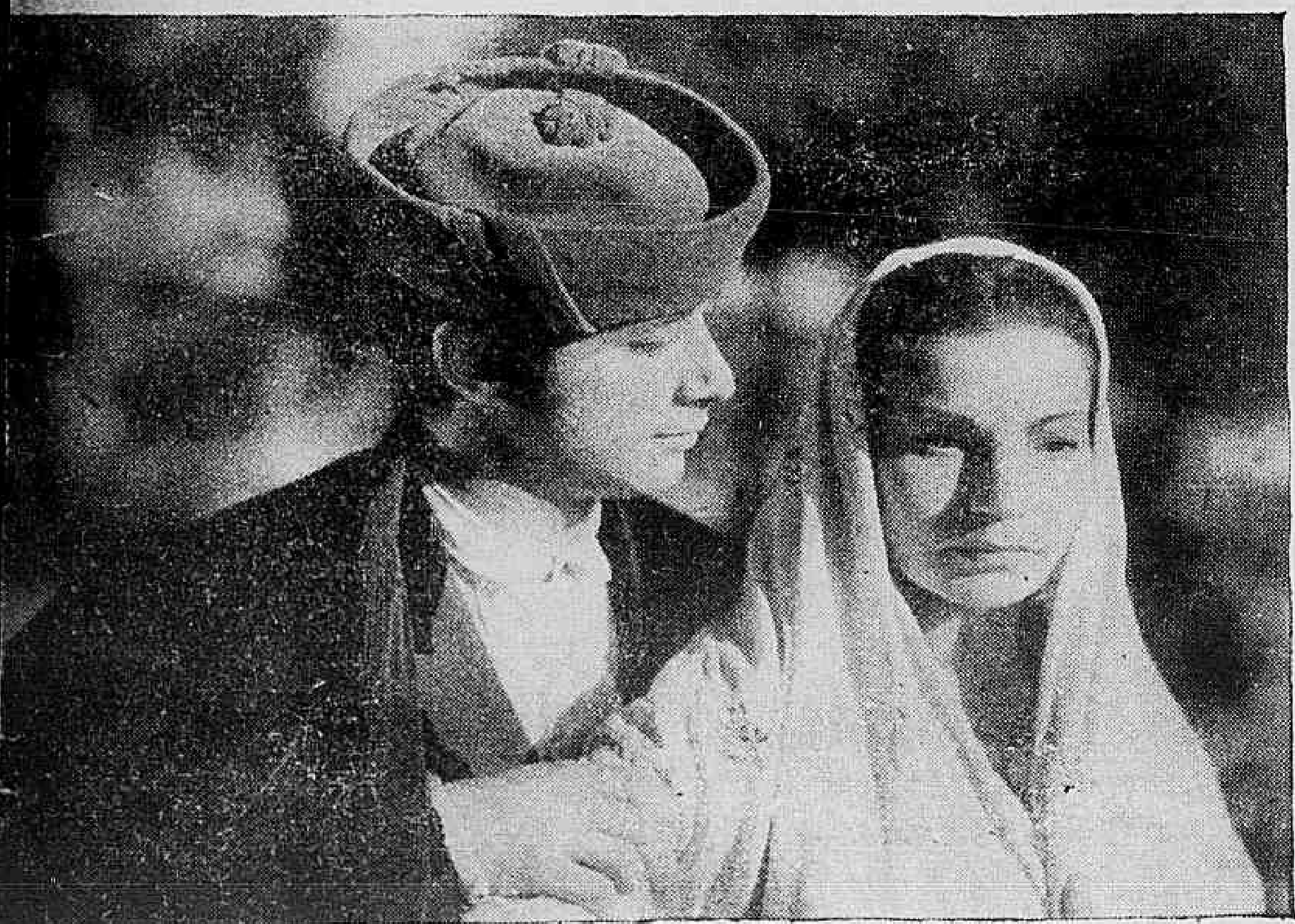
ELENCO:

IMPERIO ARGENTINA	*Rosário*
RICARDO TRIGO	*Pepe Luiz*
FRANCISCO MARTINEZ ALLENDE	*Juez*
EDMUNDO BARBERO	*Don Paco*
EMILIA ESCUDEIRO	*Roverto*
ALBANO ZUNIGA	*Joselillo*
RICARDO CASTRO RIOS	*Pacorro*
BLANCA ALLONSO DE LOS RIOS	*Sena Gabriela*
ANDRES MOJUTO	*Rodeno*
JULIETA KONAN	*Invitada*

Canções: Com lencinho branco — Petenera — Farra e boda — Quadras da noiva — Soleares — Permita, Deus do Céu — Tablado de sangue — Con el vito, vito vá — A casinha da Serra Morena — Onde houve tanta firmeza e motivos populares.

Dir.: *Antonio Momplet* — Produção *EFA* — Apresentação *S. Miquel Filmes do Brasil.*





Estamos no ano de 1860. Em uma casa de campo da velha Andaluzia celebra-se um casamento de ciganos: jôgo, bebidas, música, alegrias e canções. Em dado momento ouve-se um terrível grito de dor e de morte que vem lá de fora. Rosário "La Petenera", a recém-casada, tem um pressentimento. Saem todos e a noiva, apavorada, encontra Pacorro, seu noivo, morto com uma punhalada no coração.

Desde êsse dia a vida de Rosário não teve outro objetivo senão o de procurar o homem que lhe causou tamanha desgraça. Passado algum tempo, vamos encontrar Rosário com Sena Gabriela, mãe de Pacorro, seu noivo assassinado, trabalhando no Café de Don Paco. Inùltimente êste deseja casar-se com Rosário . . . ela sempre recusa suas propostas.

Uma noite, enquanto Rosário canta no palco, um homem aparece na porta do Café, em estranha atitude; procurando não ser visto, êle senta-se a uma mesa afastada. Na porta do Café aparece Juez, um policial muito conhecido, acompanhado de dois guardas. O desconhecido, ao vê-los, estremece numa expressão de mêdo e de culpa, levanta-se e, esgueirando-se entre as mesas, logra alcançar uma passagem próxima ao fogo do Café Cantante. Trata-se de um perseguido da Justiça. Na perseguição ao fugitivo nota-se, pelos seus rastros, que êle está ferido. Embora dure a perseguição, os policiais não conseguem pôr-lhe as mãos.

Terminada a função no Café Cantante, Rosário retira-se para a sua residência, onde encontra o tal fugitivo ferido, que conseguira chegar até ali. As primeiras palavras do homem foram acêrca do seu conhecimento com Rosário, que a princípio sentiu natural impulso de chamar a polícia, mas, reconsiderando, abaixou-se sôbre o homem e olhou-o fixamente.

Nada transpira sôbre quem seja êsse personagem, mas nessa mesma noite as duas mulheres, Rosário e Sena Gabriela extraem do peito do ferido uma bala que o vitimaria em pouco tempo. Durante algum tempo o homem permanece escondido num dsvão da casa, convivendo com Rosário e chegando a enamorar-se dela e ser correspondido. Rosário, apesar da oposição de seus parentes, defende o homem que se chama Pepe Luiz. Sena Gabriela tem o pressentimento de que aquêle

(Cont. na pág. 34)



A bela Gloria Gordon, de 14 anos de idade, filha de um produtor da Metro, fêz a sua estréia num musical da Fox, "The Farmer Takes a Wife", filme que é estrelado por Betty Grable e Dale Robertson. E' uma autêntica uva.

O QUE A TELA NÃO MOSTRA...

Por LIVIO DANTAS

GENE TIERNEY OU GENE TUNNEY?

Descoberta por um fotógrafo bisbilhoteiro em Paris, num cabaré de ínfima qualidade (naturalmente a título de ilustração turística), Gene Tierney avançou para o profissional, tomou-lhe a máquina e quase o punha "knock-out". Em companhia da estrêla encontrava-se o príncipe Ali Khan.

AGARRE SEU HOMEM...

Depois que perdeu irremediàvelmente seu Bob Taylor, Barbara Stanwick anda meio tonta à procura de um novo amor. Falou-se muito que havia qualquer coisa entre ela e Jean Pierre Aumont. Mas tudo não passou de fogo de palha. Agora, Barbara é vista contìnuamente em companhia de Bob Wagner, que é vinte anos mais novo que a famosa "star".



O filme em tecnicolor dá R.K.O., "Hans Cristian Andersen", que custou quatro milhões de dólares, apresenta em seu cast Danny Yaye, Farley Granger, e a bailarina francesa Jeanmaire, que vemos num intervalo de filmagem entre o diretor Charles Vidor, e o scriptwriter Moss Hart.



Passando as suas férias em Roma vemos Linda Darnell e sua filha adotiva, Lola, após completar, para a Fox "Night without sleep" (Noite sem dormir).

FIM DE COMÉDIA

Agora que o filme "A Viúva Alegre" já está entregue ao mercado internacional, cessaram as fanfarras de apregoar o rumoroso romance entre Fernando Lamas e Lana Turner. E com os alaridos da publicidade, morreram também as ilusões do ator argentino pela loura da Metro. Como sempre acontece nesses romances pré-fabricados, o homem representa a parte fraca. E Lamas precipitara-se até em divorciar-se de sua mulher, enquanto Lana, prudente como ninguém, continua legalmente agarrada a Bob Topping. Se quiser voltar para sua espôsa, como parece que vai acontecer, Fernando Lamas vai ter que se casar novamente...

VILAR APLAUDIDO, MAS... ANTÔNIO

No passado festival de Veneza, logo no início da apresentação do filme brasileiro "Areião", a platéia prorrompeu num fragoroso aplauso. E' que apareceu o nome do ator Orlando Vilar que foi tomado por Antônio Vilar, o artista português de renome internacional...

(Continua na pág. 34)







CINE-ROMANCE

E O NOIVO VOLTOU...

(NO ROOM FOR THE GROOM)

Produção de **Ted Richmond** ★ Direção de **Douglas Sirk** ★ Argumento cinematográfico de **Joseph Hoffman**, baseado no conto de Darwin L. Telhet "My True Love" ★ Distribuição da **Universal-International.**

CAST

Alvah Merrell	TONY CURTIS
Lee Kingshead	PIPER LAURIE
Herman Strouple	DON DE FORE
Mama	SPRING BYINGTON
Will Stubbins	JACK KELLY
Donovan	LEE AAKER



Alvah Merrell, que acabava de ser mobilizado para o serviço militar, foge para Las Vegas com sua namorada Lee Kingshead com quem se casa, sem que a mãe da moça tome o menor conhecimento do fato. Os recém-casados vão para um hotel onde pretendem passar a noite de núpcias. Apenas fecham a porta do quarto, Lee descobre uma espinha no rosto de Alvah. Consulta um médico que diagnostica sintomas de bexigas doidas.

Alvah é então levado para um hospital, enquanto Lee volta para sua cidadezinha, Sutterville, apresentando-se simplesmente como noiva.

Quando se restabelece da enfermidade, Alvah embarca para o "front" da Coréia. Embrulhado no bôlso, êle traz sempre consigo um frasquinho de perfume que pertencia a Lee e que, na confusão de sua remoção para o hospital, misturara-se às suas coisas. Durante os dez meses que passou lutando, Alvah conservava o vidro no bôlso cheirando-o profundamente, de quando em quando.

Finalmente, todos os soldados que tinham mais de seis meses de combate, estavam habilitados a retornar à pátria. Diante dessa feliz decisão, Alvah embarca para os Estados Unidos o mais rápidamente possível. Sua chegada será uma completa surprêsa, pois, nem sequer tivera tempo de telegrafar para Lee.

Lee e sua mãe tinham-se mudado para a velha casa da fazenda de Alvah, nos arredores de Sutterville. Mas para sua surprêsa, Alvah descobre que mãe e filha não estavam sós naquele imenso casarão. Muitas coisas espantosas aconteceram nos dez meses que êle passara fora. E um jovem industrial de Sutterville, chamado Herman Strouple, assumia um proeminente destaque no desenrolar dos acontecimentos. Strouple possuía uma companhia de cemento que um contrato de 20 milhões de dólares com o govêrno fêz prosperar enormemente. Lee servia como secretária particular do industrial. Atraídos pelo progresso da indústria de cemento em Sutterville, inúmeras pessoas para lá se dirigiam e muitas delas eram parentes da mãe de Lee, que alojou a todos na casa de Alvah. Com isso, a velha senhora acreditava piamente que estava cooperando para a grandeza da América e ajudando seu país a ganhar a guerra, no afã de encorajar seus parentes a trabalhar e acomodando-os numa habitação decente. A casa ficou, pois, entulhada da parentela e Strouple fêz o possível para que Lee esquecesse êsse tal de Alvah.

Nesse ponto, Lee ainda não dissera à sua mãe que estava casada. Também não falara nada a Strouple, de modo que podia continuar a alimentar sua agradável companhia e amizade, contando com o franco e decidido apoio maternal. Quando chega, afinal, à sua casa, vendo-a transformada numa hospedaria, Alvah fica furioso. Mais furioso ainda se torna quando encontra sua mulher sem poder coabitar com ela, pois a sogra faz tudo que está a seu alcance para afastar Lee dêle.





Lee explica a seu desconcertado marido que sua mãe sofre de desmaios emotivos e foi temendo uma dessas perturbações cardíacas que ela evitou dar-lhe as notícias do casamento. Alvah tenta, porém, contar tôda a verdade, mas Lee impede-o de fazê-lo. Todos os esforços de Alvah para realizar a consumação de seu casamento são tolhidos pela oposição da sogra e dos parentes. Fizeram-no dormir em companhia de um pequeno monstro, Donovan, o tal que liderava a perseguição contra êle. A situação chega a tal ponto que Alvah é acusado de impatriotismo por não querer contemporizar com o tratamento que lhe dão.

Por fim, Alvah conta tôda a verdade, coisa que provoca um desmaio de "faz-de-conta" da mãe de Lee. Esta anuncia logo após a seu desmaio simulado que vai tentar a anulação do casamento.

Nesse ínterim, Strouple está às voltas com uma estrada de ferro que deve passar pela propriedade de Alvah, e persuade Lee a conseguir a assinatura de seu marido no contrato. Alvah fica injuriado e se recusa terminantemente a assinar o papel. Vagando desconsolado pela cidade, encontra um amigo que tem uma loja e um grande apartamento. Êsse companheiro, Will Stubbins, entrega-lhe a chave do apartamento, mas quando Alvah planeja tirar Lee da casa na fazenda, Strouple aparece e a tentativa torna-se frustrada. Strouple incrimina Alvah de falta de patriotismo recusando-se a cooperar para os esforços da defesa. Insuflada por sua mãe, Lee pensa do mesmo modo e o resultado é que Alvah abandona a casa dizendo a Lee que procure providenciar a anulação do casamento.

(Cont. na pág. 34)





— Acho que o maior valor do ser humano está em ter certeza do que quer na vida e traçar uma linha de conduta dentro dessa norma, mas, eu próprio, nunca pude seguir tal teoria! — confessa Richard Conte à repórter de "A CENA". Encontravamo-nos no "back-lot" dos estúdios da Universal, entre as gigantescas montanhas especialmente "construídas" para o filme "Desert Legio" (A Legião do Deserto), no qual Richard rivaliza com Allan Ladd pelo amor de Arlene Dahl. Enquanto o "double" de Conte ensaiava uma cena de luta no alto de uma das montanhas, lá embaixo conversavamos com o simpático "astro", que tantos fãs tem no Brasil. Richard prossegue:

— Na infância, eu era o tipo da criança sem ambições. Não sabia o que queria, tinha vocação para tudo... e para nada, em particular! Como resultado, ao completar o curso ginasial, comecei a perambular por Nova York aceitando qualquer trabalho que desse o suficiente para viver. Fui varredor de rua na Quinta Avenida, vendedor de geladeiras das "Lojas Gimbel's", corretor em Wall Street, chofer de caminhão para uma emprêsa de transportes e, finalmente, pianista de restaurantes de segunda categoria. O desenho e a música fascinavam-me, mas nunca me especializei em nenhum dos dois porque era derrotista: achava que nunca seria bom pintor, nem exímio concertista de piano. Certa vez, em 1935, aceitei um emprêgo de barbeiro no "Pinebroock Country Club", em Connecticut. Lá, estavam organizando um grande "show" musical e, como faltasse um dos rapazes, pediram-me que o substituisse, fazendo o papel de um dos empregados do próprio Clube. Ri na cara do diretor de cena, pois, se há coisa em que eu nunca havia pensado, era em ser ator! Considerava essa profissão muito delicada para um verdadeiro homem e, só o fato de fazer cenas de amor em frente de centenas de pessoas, revoltavam a minha masculinidade... (Tempos depois, já no cinema, eu teria que implorar aos produtores para que me dessem papéis românticos, pois ficaria cansado de esmurrar gente nos filmes de brutalidade que interpretava...) Foi, assim, com grande custo e sob a ameaça de me despedirem como barbeiro, que concordei em tomar parte no festival do Clube. Hoje, o bom senso faz com que me revolte contra a minha própria indecisão do passado, pois perdi tanto tempo em outras coisas inúteis, quando já podia estar estudando arte dramática.

Na platéia dêsse festival a que Conte se refere estavam os diretores da Broadway, Elia Kazan e Sanford Meisner que, gostando do tipo diferente do rapaz, lhe ofereceram uma bôlsa de estudos na famosa academia de arte dramática "Neighborhood Playhouse", em Nova York, e ainda 15 dólares por semana para fazer parte do pequeno conjunto de amadores do "Group Theatre". Sempre indeciso e sem confiança em si próprio, Richard concordou com a proposta e seguiu para Nova York. Ao ver, porém, a representação da peça "Witing for Lefty" — a primeira a que assistiu na vida — êle sentiu uma emoção tão grande que não sossegou enquanto não o deixaram subir novamente ao palco. Estudou com afinco dois anos, estreando na Broadway num pequeno papel na primeira peça do seu grande amigo William Saroyan: "My Heart's in the Highlands". Em seguida, percorreu todo o país interpretando o role do boxeur-violinista de "Golden Boy" (Conflito de Duas Almas), de Clifford Oddets. Estava sendo aclamado como "a revelação do ano" do teatro americano, quando Tio Sam o chamou para o Exército. Conte cumpriu sua obrigação para com a pátria durante nove meses e, após êsse tempo, voltou à Broadway na peça "The Family", que apesar de constituir enorme fracasso, lhe proporcionou duas coisas boas na vida: o conhecimento da jovem Ruth Strohm por quem se apaixonou e... um contrato cinematográfico em Hollywood. Dois meses após vir para a Meca do Cinema, já com a segurança de um bom lugar na 20th. Century-Fox, Conte mandou buscar Ruth em New York e desposou-a no dia 21 de maio de 1943.

— Lutei muito para conseguir um bom salário na Fox porque queria dar a Ruth todo o confôrto que ela merecia, pois envergonhava-me da maneira como transcorrera o nosso namôro, — explica-nos Richard. — Imagine que eu era tão pobre, que não tinha dinheiro para levá-la a um cinema. Passavamos os domingos em Museus ou passeando pelo Central (Park porque isso não custava nenhum centavo... Quando havia alguma peça que desejavamos muito ver, bancavamos os "penetras", imiscuindo-nos com os espectadores do teatro, quando êstes saiam para fumar durante o intervalo. Resultado: perdiamos sempre o primeiro ato... (Cont. na pág. 30)



No filme «Slaves of Babylon», da Columbia, Ruth Storey e Richard Con

O BARBEIRO R FOI SER ATO

SE NÃO FÔRA A AMEAÇA DE PERDER O SEU TERIA ACEITO UM PAPEL NO PALCO — HOJ DRAMÁTICA QUANDO PERDIA TEMPO NAS M LYWOOD SIGNIFICA A SEGURANÇA, O SUCES CASA! — A ESTRÉIA DA ESPO

Reportagem de DULCE DAMASCENO DE BRITO

E êle ainda achava que a profissão de ator era muito «delicada» para um verdadeiro homem! Vejam só as cenas que o obrigam a fazer nos filmes! A «vítima» é Hugh O'Brian, o filme: «The Raiders», da Universal, com Viveca Lindfors



«Em Desert Legion», Richard Conte é o perigoso rival





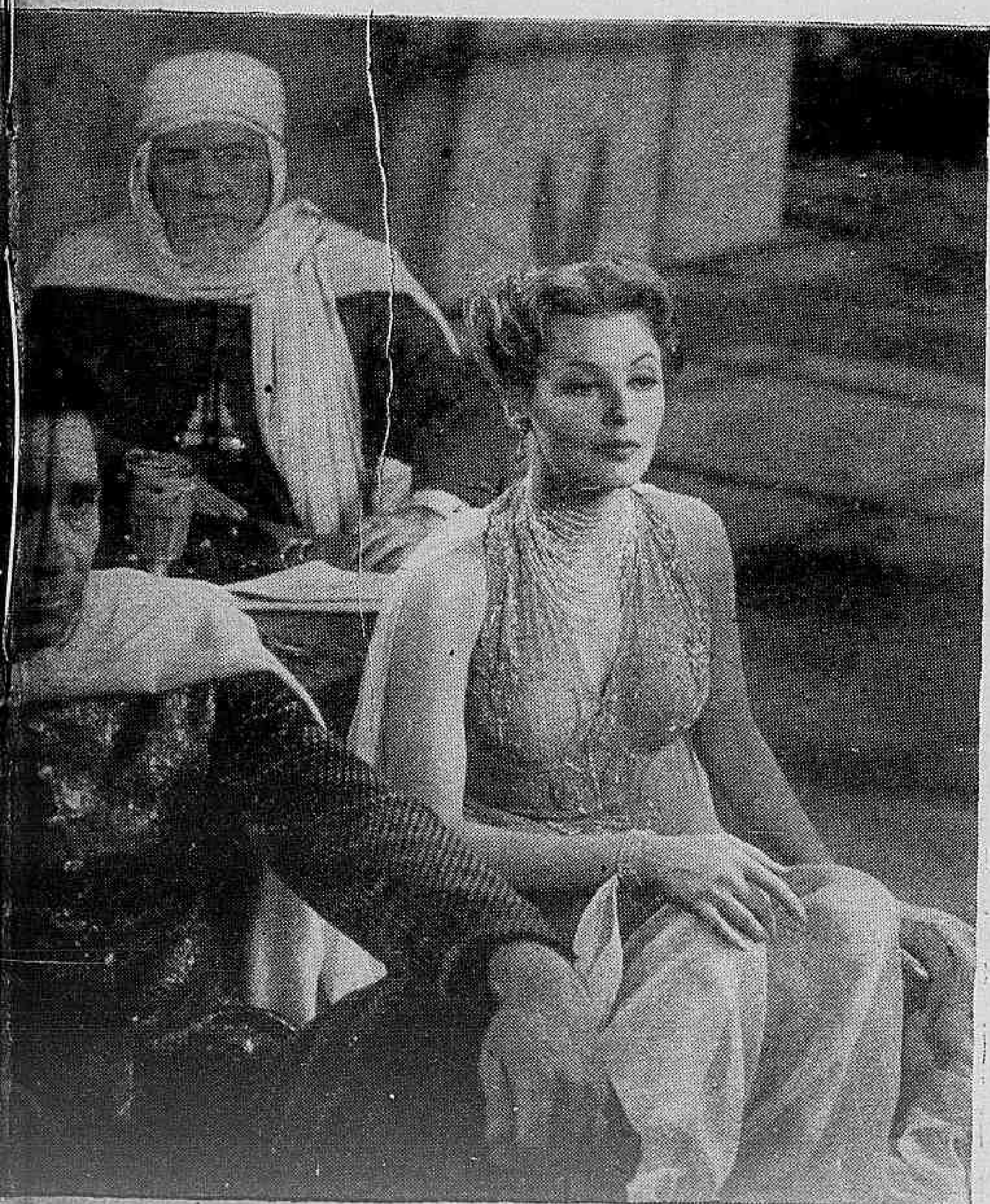
...formam um romântico par e, na vida real, são «apenas» marido e mulher...

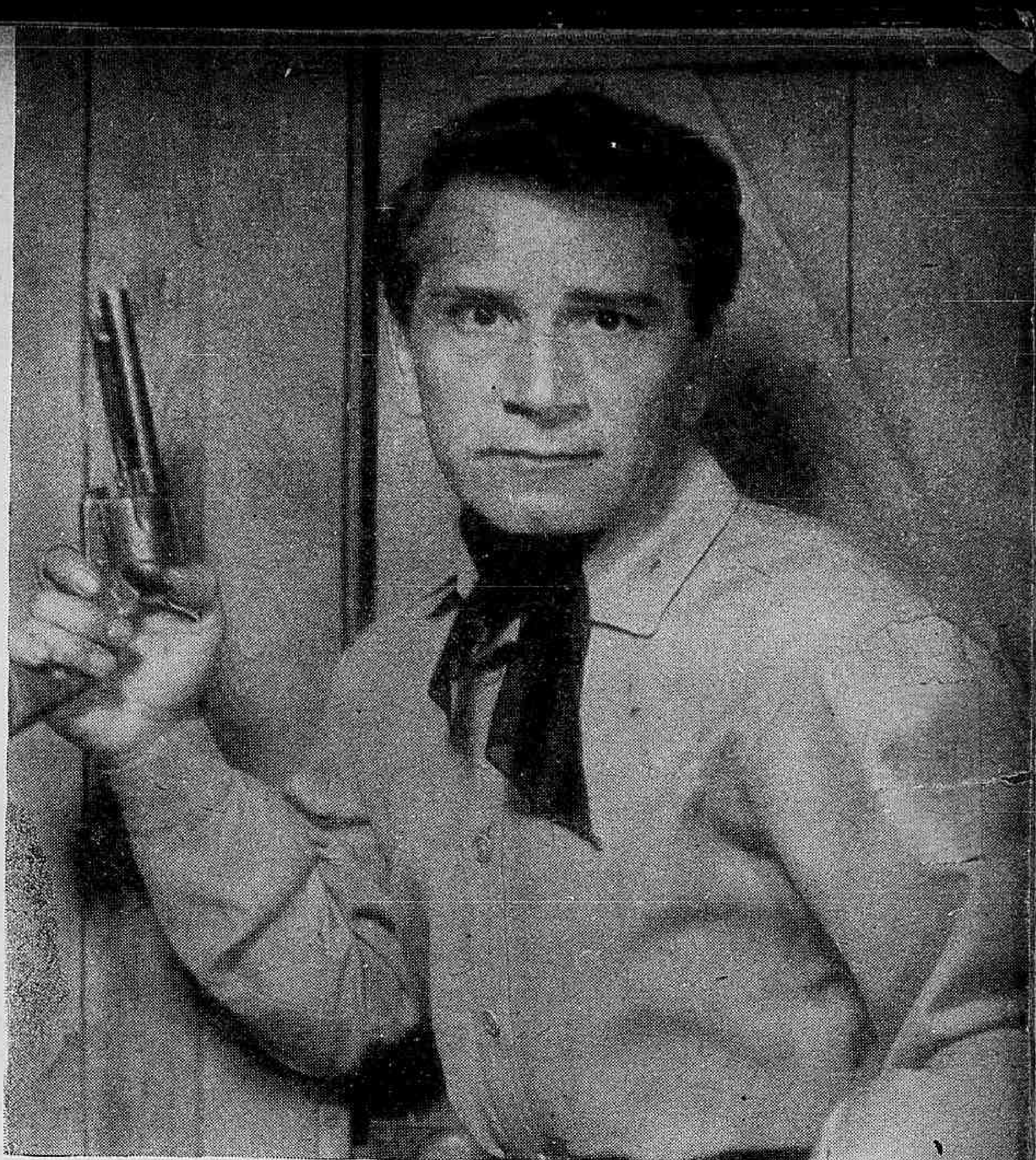
...RICHARD CONTE ...R... À FÔRÇA!

...EMPRÊGO DE BARBEIRO, RICHARD CONTE NUNCA ...E, ARREPENDE-SE DE NÃO TER ESTUDADO ARTE ...AIS VARIADAS PROFISSÕES EM NOVA YORK — HOL...SSO... E DINHEIRO PARA PAGAR O ALUGUEL DE ...SA — UMA VIAGEM AO BRASIL!

... — (Correspondente de «A CENA» em Hollywood)

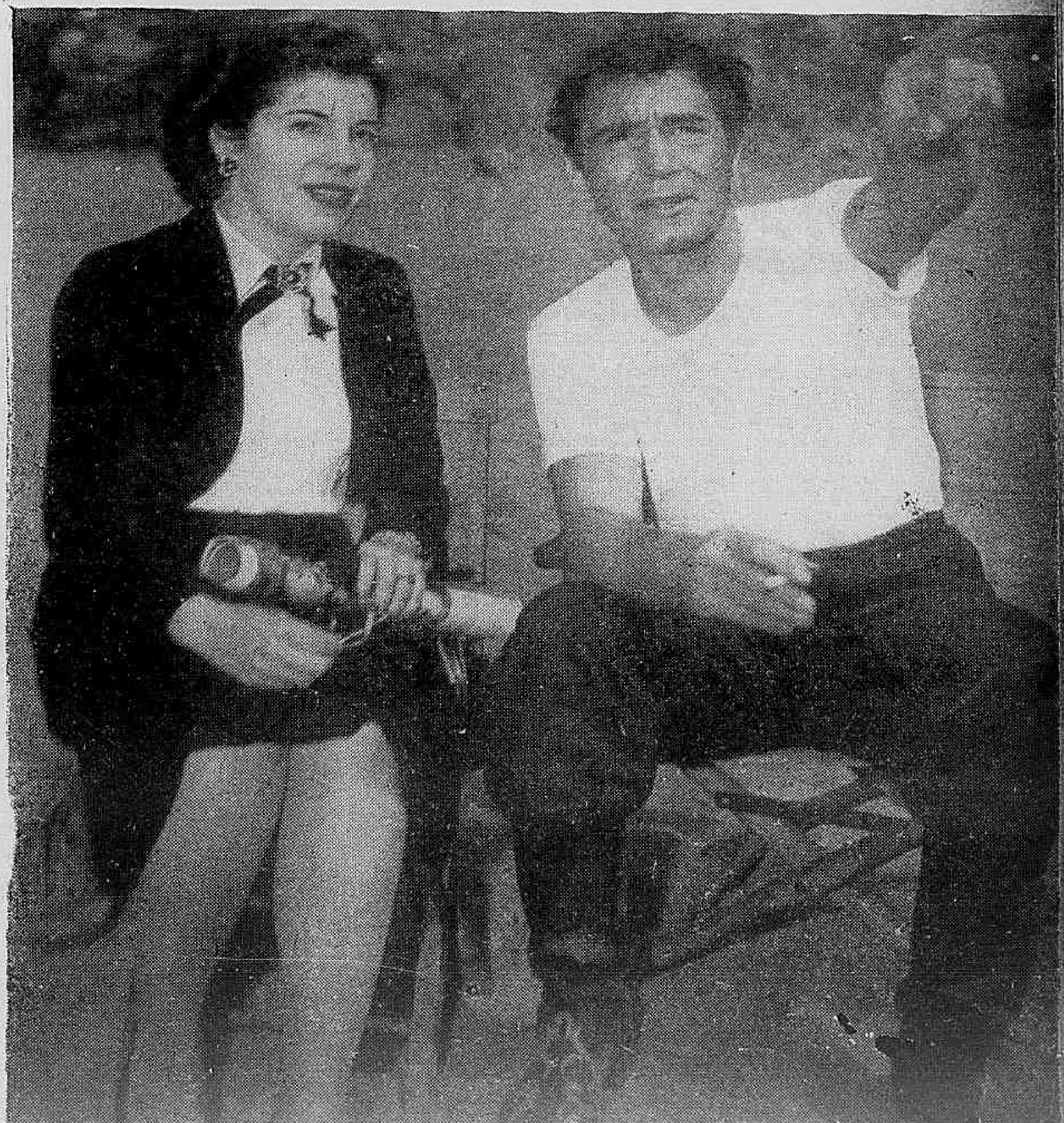
...de Allan Ladd pelo amor da belíssima Arlene Dahl...





Seu tipo rude fêz com que os produtores lhe dessem um revólver e o transformassem no «valentão» número um da tela. Mas Dick é um bom rapaz, incapaz de matar u'a môsca...

Durante a filmagem de «Desert Legiona» no «black-lot» da Universal, Richard Conte mostra à correspondente de «A CENA» as montanhas de papelão que foram construídas nos estúdios especialmente para o filme e que parecem mais reais do que o próprio Pão-de-Açúcar





Marlon Brando, que figura na pergunta de Elba Lima, do Rio

o fã pergunta: "A CENA" responde

DJALMA MOTA (Distrito Federal) — "...quando nasceu e morreu Susan Peters e quais os seus filmes?"

R — Nome verdadeiro: Suzanne Carnahans. Nasceu em Spokane, Washington, no dia 3 de julho de 1922. Faleceu em Visalia, Califórnia, no dia 24 de outubro de 1952. Filmes: *Santa Fé Trail* (Estrada de Santa Fé), 1940, de Michael Curtiz, com Errol Flynn e Olivia de Havilland; *Scatergood pull the Strings*, 1941, de Christy Cabanne, com Bob Watson; *Three Sons O'Gun*, de Fred Niblo, com Wayne Morris; *The Big Shot*, 1942, de Lewis Seiler, com Humphrey Bogart; *Tish*, de Sylvan Simon, com Lee Bowman; *Dr. Gillespie's new Assistant*, de Willis Goldberck, com Van Johnson; *Random Harvest* (Na noite do passado), de Mervyn Le Roy, com Ronald Colman e Greer Garson; *Andy Hardy's double Life*, de George B. Seitz, com Mickey Rooney; *Assignement in Britanny*, 1943, de Jack Connway, com J. Pierre Aumont e Signe Hasso; *Young Ideas*, de Jules Dessin, com Herbert Marshall; *Song of Russia* (Canção da Rússia), de Gregory Ratoff, com Robert Taylor; *Keep your Powder dry*, de Edward Buzzell, com Lana Turner; 1948, *The Singn of the Ram* (O Signo de Áries), de John Sturges, com Alexander Knox.

ELBA LIMA (Distrito Federal) — "...qual o primeiro filme de Marlon Brando?"

R. — "Espíritos Indômitos" (The Men), 1950, de Stanley Kramer, com Teresa Wright. Êste filme já está sendo anunciado em um dos cinemas da Emprêsa L. S. Ribeiro. Marlon Brando não é mexicano. E' americano de Nebraska e seu sobrenome verdadeiro é Bushweker, ou qualquer coisa parecida.

VERÔNICA (São Paulo) — "...quando nasceu Robert Taylor e qual seu primeiro filme?"

R. — Robert Taylor (Spangler Arlington Brugh) nasceu no dia 5 de agôsto de 1911. Estreou no cinema em 1934, no filme de David Butler, "Handy Andy", com Will Rogers e Mary Carlisle.

PEDRO S. DIAS (Juiz de Fora) — "...quantas vêzes Gloria Swanson se casou?"

R. — Seis vêzes. Trata-se de uma autêntica recordista

TERESINHA VARELA (Salvador) — "...qual o primeiro filme de Cyd Charisse e com quem é casada?"

R. — Seu primeiro papel de destaque foi em "Festa Brava" (Fiesta), com Esther Williams e Ricardo Montalban. E' casada com o cantor Tony Martin e tem um filhinho de dois anos de idade.

HERMES VALE (Recife) — "...Greta Garbo voltará ainda ao cinema?"

R. — Não. Quando, recentemente, foi consultada para fazer "Minha Prima Raquel", recusou o papel com uma frase histórica: "O cinema não me interessa mais..."

LUÍS GERMANO (Distrito Federal) — "...de que ano, qual o diretor e elenco completo do filme "Conflitos de Amor"?

R. — "Conflitos de Amor" (La Ronde), 1950, de Max Ophuls, com Gerard Phillipe, Simone Signoret, Simone Simon, Jean Louis Barrault, Isa Miranda, Danielle Darrieux, Daniel Gélin e Odette Joyeux.

LÉDA CUNHA (São Paulo) — "...quais as principais melodias cantadas em "O Grande Caruso"?

R. — Dorothy Kirsten canta "Numi Pietá", "Sweethearts" e com Mario Lanza e Theborn o final de "Marta" e o trio de "Aída". Fora disso Lanza canta diversas canções.

Cine-Crítica do LEITOR



Fred Zinnemann, diretor de «Matar ou Morrer»

FORD, ZINNEMANN E «HIGH NOON»

A fim de ter base suficiente ao artigo que aqui apresentou, abro mão primeiramente de um assunto em que já foi em muito focalizado pela crítica especializada em sentido diverso, e que aqui nesta crônica, servirá de base como já afirmei, para chegar onde pretendo, (algo sôbre os westerns, um estudo simplificando seus realizadores através da cinematografia). Fugindo a uma análise mais detalhada sôbre o assunto a que me refiro, eis aí, o por que então, que eu não farei um exame mais detalhado sôbre os westerns, sòmente procurar ter base dentro dêste esquema para chegar onde pretendo... integrando-me a analisar o cineasta "Fred Zinnemann" e o seu "High Noon" (Matar ou Morrer) e os seus predicados de Diretor neste western, que se condizem dentro de uma suposição razoável com a de um cineasta no gênero dêstes filmes: John Ford.

Os westerns mais discutidos, primam muito pelo espírito clássico e vivo de seu ambiente construtivo, destacando-se em geral todos os responsáveis pelo filme: o diretor, o produtor, o fotógrafo, o cenarista, o argumentista, os intérpretes, em um esfôrço supremo de trabalho, de carinho, confabulações e idéias para alcançar na tela aquilo que chamamos de arte cinematográfica num gênero de história atualmente difícil como são os westerns no seu porvir de agitações incomuns; verdade que se diga que parcela maior recai sôbre o diretor, responsável pelo sucesso ou não do filme. Tais westerns discutidos primam pelo realismo nato e natural e de cenas de seqüências ritmadas dentro de uma linguagem viva de idéias psicológicas que, guiado pela figura de um "John Ford" (um condutor brilhante de westerns), alcança com autoridade tôda a sua fôrça dentro da arte cinêmica. De "John Ford", a sua impecável narrativa é a que esboça mais aquêle ritmo lento e sentido, realista e comunicativo, compacto a um desenvolvimento todo seu, adquirindo das imagens, a naturalidade simples que retoca aos personagens de suas histórias: Justamente de figuras como Ford, é que aparecem os clássicos sôbre o oeste americano. Abaixo de Ford, encontramos um William Wellman (The Ox-Bow Incident), um Raoul Walsh (Pursued) e recentemente Anthony Mann (Winchester 73), os dois primeiros principalmente, é que são capazes de nos dar uma obra a altura das de Ford sôbre o oeste americano.

Produzido em número bastante elevado atendendo mais as exigências comerciais dos estúdios de Hollywood, o western é o gênero de filme que vem obedecendo atualmente uma produção mais constante, sem contudo ter um tratamento adequado; de uma fórmula mais do que gasta, inteiramente estandardizada, nas mãos dêstes diretores aqui citados, sempre encontram tratamente, e justamente dos farwests mais simples de Ford, é que saem os clássicos westerns.

Exibiu-se a pouco um western simples que de antemão tinha-se a convicção de que seria um clássico, pois a figura do produtor "Stanley Krame" (Cyrano Bergerac) já era um passo para o êxito... quanto ao diretor do filme, "Fred Zinnemann", esperávamos algo melhor do que "Act of Violence"; Trata-se do recente "Hig Noon" (Matar ou Morrer), uma história de John W. Connungham, "The Tin Star", extraído para o cinema por Carl Foreman; o mesmo se estende no diapasão dos westerns comuns pela (Cont. na pág. 34)

Rádio Cena



VAMOS COMER DOCES!

MAIS UM CASAMENTO NO RÁDIO

AURÉLIO TEIXEIRA E NAIR AMORIM VIVEM O SEU ROMANCE DE AMOR — BREVEMENTE MANDARÃO TOCAR A "MARCHA NUPCIAL" SÓ PARA ÊLES — ÊLE TAMBÉM É ARTISTA DE CINEMA E ELA JÁ ESTÊVE NO TEATRO DE AMADORES

Reportagem de M.S.
Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Muita gente não quis acreditar na pequena notícia publicada por Tia Laura na coluna «Rádio-social». Nós mesmos a recebemos com uma ponta de desconfiança. A verdade, porém, é que a nossa colega estava com a razão: os rádio-atores Aurélio Teixeira e Nair Amorim estavam caidinhos um pelo outro, o que equivale a dizer que os dois foram fisgados pela seta do inconseqüente Cupido e que, mais dia menos dia, mandariam tocar a «Marcha Nupcial» especialmente para êles.

★

Antes de entrarmos no romance pròpriamente dito, permitam-nos os leitores que lhes apresentemos os dois pombinhos. Aurélio Teixeira é um dos muitos paulistas do rádio carioca. Nasceu êle no dia 21 de outubro de 1926 na cidade de Santana do Parnaíba. Sequioso de aventuras, tão logo estreou as primeiras calças compridas, arrumou a pequena, disse adeus aos «velhos» e saiu em demanda da capital bandeirante. Sofreu um pedaço com as decepções que a vida lhe ofereceu a cada passo, mas teve também os seus momentos de ventura. Exerceu as mais diversas profissões, tendo sido, inclusive, vendedor viajante e, como tal, conhece inúmeros recantos dêsse brasil. Um dia, em 1949, quando êle espantou, estava diante de um microfone da Rádio

← **DENTRO DE POUCO** tempo, segundo os dois pombinhos informaram à reportagem, Aurélio carregará a linda Nair nos braços para o "home sweet home".

AURÉLIO TEIXEIRA e Nair Amorim já viveram cenas como esta nos espetáculos de teatro cego da Tamoio. Agora, quase noivos, êles a vivem na vida real.



Guarujá, lendo textos de publicidade. Ràpidamente, firmou o seu prestígio como «annonceur». Tempos depois, tentado pelo rádio-teatro, iniciou pequenas incursões pelo teatro cego. Também nesse setor Aurélio se destacou bastante, merecendo amplos elogios da crítica e do público. Quando se considerou maduro para brilhar num centro mais desenvolvido, tornou a arrumar as malas e veio para o Rio. Aqui, a convite dêsse descobridor de astros e «estrêlas» que se chama Luís Quirino, ingressou na Rádio Tamoio. Assim, desde 1950 para cá, êle tem sabido aproveitar tôdas as oportunidades que lhe têm dado e, por isso, hoje em dia é uma das mais populares figuras da «emissora da família brasileira». Atualmente, Aurélio Teixeira, além de outros, interpreta os seguintes papéis: «Florêncio» e «Venâncio» de «Os amôres de Ritinha», novela de Aldo Madureira, transmitida às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas da manhã; «Piriiampo», em «Aventuras de Ubirajara, o marca ôlho», novela de Clímaco César, que vai ao ar, de segunda a sexta, às 18h. e 45m.; e o «Inspetor», em «Jaguar, o terror dos detectives», que é apresentada diàriamente, menos aos sábados e domingos, às 19h. e 15m. Além de brilhar no rádio, Aurélio Teixeira tem aparecido destacadamente em diversas películas do cinema brasileiro, como em «Hóspede de uma noite», «Barnabé, tu é meu», «Destino», «Amei um herdeiro» e «Carnaval Atlântida».

★

Nair Ámorim Leite, êste o nome por extenso do brotinho provocante que, dentro em breve, «se Deus quiser» como diz ela, será levada ao altar pelo braço musculoso do Aurélio, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 28 de janeiro. Antes de ingressar no rádio, planejava seguir uma profissão qualquer condizente com as suas qualidades. A pouco e pouco, entretanto, foi sendo tentada pelo rádio e acabou, em 1948, ingressando na Guanabara. Iniciou modestamente, defendendo pequenos papéis. Depois que ganhou o traquejo suficiente, deixou a PRC-8 e passou para a Mauá. Em seguida, correu diversos prefixos guanabarinos, brilhondo intensamente em todos êles, até que, em 1950, ingressou na Tamoio. Na B-7, presentemente, ela vive a «Rita», em «Eu não posso morrer», novela de Luís Quirino, que vai ao ar tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras, ao meio-dia; a «Iracema», «mocinha» de «Ubirajara, o marca ôlho», e a «Lúcia», da história seriada de Aldo Madureira, «Jamais eu perdoarei», que é apresentada de segunda a sexta-feira, às 15 horas. Além dêsses, Nair Amorim interpreta outros destacados papéis em diversos programas de teatro cego da estação de Júlio Louzada. Vale ressaltar, ainda, que a «Arlete», heroina da novela de Alcides Viana, «O calvário de Arlete», foi uma de suas últimas e vitoriosas criações e que, até há bem pouco tempo, ela emprestou o seu valioso concurso a diversos conjuntos de amadores teatrais, mas acabou mesmo dedicando-se inteiramente ao microfone, onde se sente à vontade.

O ROMANCE ENTRE OS DOIS artistas surgiu assim... de uma para outra, e estêve em segrêdo até que Tia Laura descobriu a coisa... e denunciou!





QUANDO NÃO ESTÃO atuando, os dois são vistos nos corredores da B-7, passeando de mãos dadas, como dois namoradinhos. Não fazem um belo par?

Como vimos, há muito que os dois vêm trabalhando juntos, em face de pertencerem à mesma emissora. Entretanto, sòmente há coisa de um mês é que êles perceberam que se amavam. Mas, como foi isso?

E' o Aurélio, um pouco encabulado pela revelação, quem responde à pergunta do repórter:

— A verdade é que eu já espiava a Nair. Sentia qualquer coisa por ela que não sabia definir. Dei tempo ao tempo, para ver se aquilo não passava de uma ilusão, se era amor realmente. Ao fim do prazo que concedi a mim mesmo, dei um balanço e vi que estava enamorado. Então, que fiz eu?

E quem respondeu à pergunta do «Venâncio» de «Os amôres de Ritinha» foi a graciosa Nair:

— Veio a mim, chamou-me num «cantinho» e me disse as mais belas coisas dêste mundo. Interessante é que, apesar de ter interpretado tantas cenas de amor nas audições de teatro cego da Tamoio, êle fêz uma declaração original...

Aurélio encabulou e baixou a cabeça. O repórter voltou à carga:

— E quando será o pedido de casamento?

— Brevemente — informou Nair.

Então o Aurélio pôs o ponto final na entrevista, declarando gostosamente:

— Pode dizer pelas colunas de **A CENA MUDA** que, se Deus quiser e tudo correr bem, logo após o noivado, ou seja, em 53, teremos um novo casamento no rádio. Vocês, desde já, estão convidados para comer os dôces.



DAQUI, DALI, DACOLÁ

Alexandre de Souza, produtor de programas humorísticos, está de volta às emissoras Associadas, pois acaba de assinar contrato com a Tupi.

★

Às quartas-feiras, às 21h. e 30m., a Rádio Guanabara leva ao ar "Caminhos do céu". "Script" de Íris Alomai.

★

A cronista Elsie Lessa está escrevendo para um programa feminino da Rádio Jornal do Brasil.

★

Anuncia-se que a Rádio Clube, dentro em breve, passará a chamar-se Rádio Última Hora.

★

Adolfo Cruz está realizando reportagens sôbre cinema, na Rádio Nacional, em combinação com a Seção de Jornais Falados dessa emissora.

★

O comentarista esportivo Albert Lawrence foi contratado pela Rádio Clube.

★

Colou grau pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o locutor esportivo Waldir Amaral, da Emissora Continental. E' mais um doutor para o rádio.

★

A Rádio Clube lançou o programa "No mundo da estatística", que vai ao ar, de segunda a sábado, às 8h. e 5m.

★

Embarcará para os Estados Unidos, no mês de janeiro, a fim de cantar na "boite" de seu irmão Nestor do Amaral, o cantor bandeirante Roberto Amaral.

★

"Eu não posso morrer", eis o título da empolgante história seriada de Luis Quirino que a Rádio Tamoio vem apresentando, tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras, às 12 horas, dentro da "Novela do meio-dia".

★

As segundas, quartas e sextas-feiras, das 14 às 14h. e 15m, a Rádio Clube está apresentando "Eva atômica", programa feminino.

★

Waldir Wey, festejado "broadcaster" da paulicéia, é o novo assistente de Péricles do Amaral, diretor geral de broadcasting das Associadas Cariocas.

★

Marly Brasil, Pedro dos Santos, Pedro Raimundo, Manuel Macedo, Clemente, Irene Macedo, Caxangá e Sanica e muitos outros cartazes tomam parte na "Hora Sertaneja", que a Rádio Tamoio leva ao ar, de segunda a sábado, às 9 horas da manhã, sob o comando de Marques da Silva.

★

Volta-se a falar que a Rádio Relógio Federal transmitirá breve notícia de minuto em minuto.

★

Os programas de Dalva de Oliveira na Rádio Tupi estão sendo produzidos, agora, pelo redator J. Cáspary.

SÍLVIO GRAVOU VELHAS MELODIAS de SUCESSO!

Sílvio Caldas está em grande atividade. Após o seu reaparecimento no rádio, e sua estréia na Televisão, vem de gravar os seus antigos sucessos num só disco denominado "Saudades", gravado em longa rotação pela marca "Rádio". E' um disco que se recomenda pela limpidez da gravação assim como pela seleção das melodias. Nas fotos vemos ao alto, Sílvio quando discutia com Ary Barroso quais as melodias do festejado autor que irá gravar no seu próximo disco de longa rotação, em que apresentará oito melodias do "homem da gaitinha" que mais se destacaram no seu repertório. Em baixo, durante o "cocktail" oferecido pela Fábrica de Discos "Rádio", vemos da esquerda para a direita: Ovídio Grotera, Dorival Caymmi, Ari Barroso, Bernardo Lôbo. Braga Filho, Sílvio Caldas e Evaldo Rui.



PONTOS de VISTA

— "Creio sinceramente que a televisão ameaça o cinema, principalmente no Brasil". — *Péricles Leal.*

— "Onde é que a Vera Cruz vai arranjar dinheiro para pagar salários mínimos? Ela não tem verba para ordenados, quanto mais para aumento de vencimentos..." — *José Machado.*

— "Pretendo manter, na Eldorado, o chamado "rádio sério", isto é, o que se caracteriza pelo seletismo, escolhendo o que há de bom e que tem por limite apenas o senso de equilíbrio entre o clássico e o popular, quer na música, quer na palavra escrita ou falada". — *Júlio de Queiroz.*

— "Sem achar que deva justificar meu voto, fiz minha candidata Aidée Miranda. Falta-lhe o prestígio, a popularidade das cantoras. Mas não lhe faltam graças e encantos". — *Dig.*

— "A omissão do nome do autor da melodia transmitida é uma deficiência injustificável, é não dar valor ao artista que nos propicia peças quase sempre belas e que requerem trabalho e talento para compô-las". — *Cláudio Mendes.*

— O "Programa no Ar", apresentado pela Rádio Mauá, diàriamente, só irradia determinadas músicas. Dizem que existe, naquela emissora, uma "caixinha" do Doutor. O cantor ou compositor que não contribuir, não terá seu disco rodado naquele programa". — *Alberto Rêgo.*

VALE A PENA SABER

Waldeck Magalhães é compadre de um dos maiores anunciantes do rádio carioca.

★

O novelista Aldo Madureira, diretor do Departamento de Rádio-Teatro da Tamoio, tem uma irmã que é diretora da Rádio Clube de São José dos Campos.

★

Pixinguinha foi durante muito tempo músico de uma das bandas da Polícia Militar. Agora, êle está aposentado.

★

Vitória Brasil, rádio-atriz da PRB-7, é genitora de Wahyta Brasil, rádio-atriz da Nacional.

★

A rádio-atriz Mildred Santos tem verdadeira adoração pelo "ballet". "Qualquer dia, costuma dizer ela aos seus íntimos, perco a cabeça e troco o microfone pelo bailado".

★

O verdadeiro nome do animador Roberto Linhares é Linvaldo Linhares.

★

Dorival Caymmi tem recusado diversas propostas para excursionar aos Estados Unidos.

DISSE-ME-DISSE

Dizeh, na Rádio Tamoio, que o Alcides Viana, talentoso produtor e rádio-ator, é um grande colecionador de brotos. Êle tem uma coleção invejável. Por isso, lhe deram o apelido de "Girafa".

★

Isso não se faz! Imaginem vocês que a gostosa "Marcha do conselho" está sendo torpedeada por alguns comandantes de "paradas de sucessos". Apesar dessa composição dos vitoriosos Paquito e Romeu Gentil estar sendo muito vendida nas lojas de discos, ela jamais aparece entre as primeiras colocadas.

★

Comentam pelos corredores mairinquianos que o Aloísio Silva Araújo está disposto a fechar as portas do "Restaurante sublime indulgência", programa que êle apresenta em substituição ao "Recruta 23" de saudosa memória. Motivo: a audição está às môscas, em matéria de ouvintes.

★

Black-out está proibido pela direção da Rádio Nacional de excursionar nesses próximos dois meses. Nem a Niterói êle poderá ir. Sabem por que? Tôda vez que êle excursionava a qualquer cidade, esquecia-se que tinha um contrato a cumprir com a E-8 e demorava-se lá fora o tempo que bem entendia. Nós lemos a proibição imposta ao negrinho levado da breca, na tabela da estação da Praça Mauá.

MR. KYLOCICLO



MUITA GENTE ACHOU injusta a vitória de Mary Gonçalves no certame organizado pela A.B.R. Mas a nova Rainha do Rádio ficou muito bem com a coroa enfeitando a sua cabeça e não mais se falou no assunto.

O RÁDIO em 1952

NUNCA SE VIU TANTA MOVIMENTAÇÃO NA RADIOFONIA CARIOCA

TROCAS DE PREFIXO EM PROFUSÃO, ESTRÉIAS EM PENCA E REVELAÇÕES NUMEROSAS ★ 1952 FICARÁ MARCADO COMO O ANO DA MORTE DE CHICO VIOLA ★ A VERA CRUZ ENSAIOU UM MOVIMENTO DE RECUPERAÇÃO MAS ACABOU FICANDO ONDE ESTAVA

Texto de **MILTON SALLES**
(Primeira de uma série de duas)

O ano que está findando foi, não resta dúvida, um dos melhores da radiofonia guanabarina. E' bem verdade que alguns acontecimentos lamentáveis, a morte de Chico Alves e o caso Almirante x Paulo Grammont, por exemplo, desviaram a atenção do grande público de algumas realizações que



A VOLTA DE BARBOSA JÚNIOR com o seu «Picolino» ao Rádio Carioca, através da Mayrink, foi um dos mais gratos acontecimentos radiofônicos do ano que findou.



LINDA BATISTA, nas suas andanças pela Europa, marcou um grande tento.. Apesar de ter voltado sem dinheiro (?), ficou satisfeita por ter trabalhado pela difusão dos nossos bonitos ritmos.



GRAÇAS À PEÇA de Pedro Bloch, «As mãos de Eurídice», Rodolfo Mayer pôde construir o pé de meia. Um pé de meia por sinal bem gordinho...

envaideceriam o «broadcasting» de qualquer parte do mundo. Isso, porém, de modo algum afetou o prestígio do sem fio carioca, que progrediu bastante nesses 365 dias que acabamos de viver, fazendo com que êle possa ser justamente apontado como um dos melhores do mundo, logo depois do rádio norte-americano, em que pesem a Rádio Vera Cruz, que teima em marcar passo, e os programas de cavação. Passemos, pois, em revista, os acontecimentos mais destacados do rádio carioca em 1952.

JANEIRO

Dalva de Oliveira sofria de um mal da garganta mas tranqüilizava seus fãs: «Começarei o ano cantando». — D. Perpétua fazia novas acusações a Francisco Alves. — Silvino Neto trocava a Rádio Globo pela Clube. — Rodolfo Mayer declarava que ganhara uma fortuna com «As mãos de Eurídice». — Almirante dizia que, para êle, «fazer programas é uma necessidade fisiológica», o que deu margem a uma série de brincadeiras de mau gôsto... — Tommy Dorsey partia apressadamente para os Estados Unidos, sem a bagagem, depois de ter-se metido em algumas trapalhadas. — Luís Mendes renovava seu contrato com a Rádio Globo. — Era aberto o crédito para a compra da aparelhagem de televisão para a Rádio Roquete Pinto. — Estreava na Rádio Clube o produtor Herrera Filho. — Luz del Fuego escandalizava o auditório da Rádio Tupi, declarando, durante uma entrevista: «Apareçam lá no teatro, que eu espero vocês nua, tôda nua!» — Raul Longras trocava a Rádio Guanabara pela Clube. — Aloísio Silva Araújo anunciava que iria filmar as aventuras do «Recruta 23». Até agora estamos esperando o filme... — Jorge Cury recusava uma proposta para ingressar na Tupi. — Anunciava-se que Cordélia Ferreira trocaria a Mayrink Veiga pela Nacional, o que não chegou a ser realizado. — A Rádio Cruzeiro do Sul era adquirida pelos proprietários da Emissora Continental. — Moreira da Silva era contratado pela Tupi. — E o Príncipe Ali Khan, em suas andanças pelo Rio, mostrava-se entusiasmado com o «Ranchinho do Alvarenga» e a cantora Linda Batista. Falaram até num possível romance entre a cantora e S. A., mas tudo não passou de boato.

FEVEREIRO

Grande Otelo garantia que tinha tomado juizo, mas, foram ver, êle tinha tomado era outra coisa... — O maestro Carioca sofria um desastre com o seu carro, na Avenida Brasil. — A emprêsa dirigida por César Ladeira (a tal que alardeara que seria a primeira a instalar a televisão no Brasil e que tomou dinheiro de muito otário) perdia a concessão de um canal de TV. — Nelson Gonçalves anunciava que, depois do carnaval, iria à Argentina, Cuba e Estados Unidos. — O «Trem da Alegria» voltava mais fumegante do que nunca, agora na Rádio Clube. — Santos Garcia ingressava na Rádio Mayrink Veiga. — Abelardo «Chacrinha» Barbosa declarava ter ganho nada menos de 53 mil cruzeiros no festival que realizara no João Caetano. — Nélio Pinheiro deixava a Rádio Nacional e voltava para São Paulo, firmando um contrato de 45 mil cruzeiros mensais com a PRA-5. — Lúcio Alves reformava contrato com a Rádio Tupi. — A Rádio Roquete Pinto deixava de transmitir anúncios comerciais. — A cantora Aizirinha Camargo passava alguns dias no Rio, revendo velhos amigos e admiradores. Depois, seguia para Lisboa. — Tôda satisfeita, Rosita Gonzalez anunciava: «Finalmente, depois do carnaval, vou gravar meu primeiro disco». Já não era sem tempo... — Mary Gonçalves, para tristeza de Adelaide Chiozzo e espanto de muita gente, era eleita «Rainha do Rádio de 1952». Viva a Rainha Mary! — Noemi Cavalcanti, que ainda estava de bem com Herivelto Martins, anunciava o seu próximo casamento com um cidadão que não pertencia ao rádio. — Cahué Filho sofria um acidente mas se recuperava ràpidamente para gáudio de seus amigos e fãs. — Dalva de Olvieira e Linda Batista brilhavam na Europa, mostrando como é que se canta o samba e o baião, tendo os europeus ficado muito satisfeitos com a demonstração de ambas. — A Rádio Eldorado iniciava suas transmissões, em caráter experimental, na faixa dos 550 quilociclos. — Luís de Carvalho ingressava na Rádio Clube. — Rodolfo Mayer, por sua vez, voltava ao elenco da Rádio Nacional. — Normando Lopes tomava posse da presidência do Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsa de Rádiodifusão. — O «Baile do Rádio» alcançava tremendo sucesso, com o Teatro João Caetano com gente até dizer chega. — Rebelo Junior firmava contrato com a Tupi, a fim de che-



A MORTE DE SÔNIA Ketter, graciosa estrelinha da Televisão Tupi, e «Rainha dos Fotógrafos», foi um dos mais tristes acontecimentos de 52.



WALDIR AZEVEDO brilhou intensamente nos primeiros meses do ano findo. Ganhou muito dinheiro e levou a nossa música até ao exterior.

fiar o departamento esportivo da G-3. — E noticiava-se que a Associação Brasileira de Rádio arrecadara mais de dois milhões de cruzeiros com a venda de votos para Rainha do Rádio.

MARÇO

Isaurinha Garcia deixava os fãs cariocas assanhados, dizendo que ficaria cantando nesta capital quando fôsse inaugurada a Rádio Rio. — Dizia-se que diversos elementos de cartaz deixariam a Rádio Nacional, numa debandada louca, rumo a emissoras cariocas e paulistas. No fim, ninguém saiu da E-8. — A A.B.R., contente como o quê com os resultados financeiros obtidos na campanha para a eleição da Rainha do Rádio, anunciava que realizaria um pleito para a escolha do Rei do Rádio. Tudo isso em benefício do Hospital do Radialista. Que bom, né? — Antônio Maria brigava com a Tupi e firmava contrato com a Rádio Mayrink Veiga, de onde tinha saído Gilberto Martins para a Eldorado. — Aidée Miranda ficava noiva do rádio-ator Fernando Garcia. Os dois estavam felicíssimos. — Por seu turno, Marlene ficava noiva do ator Luís Delfino, que conhecera durante as filmagens de «Tudo azul». No fim, acabou tudo azul mesmo... — Júlio G. Atlas, Alziro Zarur e Santos Garcia deixavam a Mayrink e ingressavam na Eldorado. — Ivan de Alencar firmava contrato com a Rádio Nacional. — Waldeck Magalhães fazia beicinho e dizia que estava disposto a deixar a Cruzeiro do Sul. Chamaram-no «no canto» e êle acabou ficando na D-2. — Urbano Lóis era o novo diretor do departamento de rádio-teatro da Mayrink. — Carlos Couto deixava a Guanabara e se metia pelo interior do Estado do Rio. — A Mauá, a Roquete e a Mayrink ganhavam concessões para instalar seus transmissores de televisão. — Manoel Monteiro realizava nova temporada de êxito em São Paulo. — Voltava às programações da Rádio Nacional o conjunto coral «Cantores do céu». — Osvaldo Rubin voltava à Rádio Tupi. — A Rádio Tamoio, que contratara Ênio Santos, lançava um novo horário de novelas: o do meio



COLÉ E CELESTE AIDA, que pareciam tão unidos, desquitaram-se no primeiro semestre do ano passado. A separação não influiu na carreira de ambos.



ACONTECIMENTO DE GRANDE repercussão foi o casamento de Marlene com Luís Delfino, na igreja do Outeiro da Glória. Movimentou meio mundo.

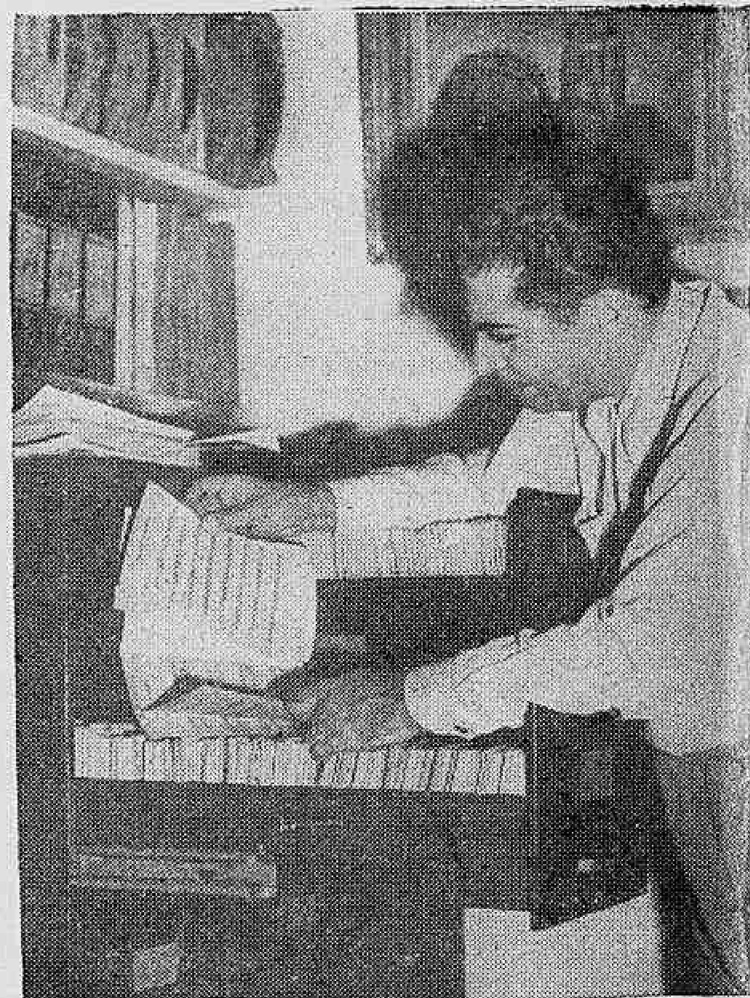


dia. — E para terminar bem o mês, anunciava-se que a rádio-atriz Deusa Martins estava de namôro ferrado com o fenomenal meia vascaíno Maneca.

ABRIL

Anunciava-se o ingresso de Ovídio Grotera na Mayrink. Tudo, porém, não passou de um primeiro de abril. — Dias Gomes era homenageado pelos principais elementos do rádio carioca, em face de seu magnífico trabalho na Rádio Clube. — Deixava a direção artistica da Tupi e inflexivel Almirante. Seu lugar passava a ser ocupado por Paulo de Grammont. — Péricles do Amaral assumia as funções de diretor artístico da Tamoio. — Carlos Frias declarava que deixaria o «Cacique do Ar». Mas, depois, acabou ficando. — Rebelo Júnior declarava que já havia fumado nada menos de 35.000 charutos. — Ademilde Fonseca reformava compromisso com a Tupi. — Matinhos e Nanci Wanderley trocavam a G-3 pela Mayrink. — Assinavam contrato com a Eldorado os comediantes Mesquitinha, Natara Ney e Modesto de Souza. Mas não chegariam a atuar na ZYZ-22. — Dircinha Batista deixava a Tupi e ingressava na Rádio Clube. — Violeta Cavalcanti era roubada em 100 mil cruzeiros. — Jaime Moreira Filho ingressava na Jornal do Brasil, onde duraria pouco tempo. — Amaral Gurgel e Daisy Lucidi deixavam a Globo e entravam para o elenco da Rádio Nacional. — Haroldo Barbosa também trocava de emissora. Saiu da G-3 para a A-9. — Dalva brilhava na Espanha. — Um jornal bandeirante afirmava que Victor Costa deixaria a Nacional, passando o seu cargo a Saint Clair Lopes. Boatos apenas... — Bill Farr e Mary Gonçalves declaravam que o casamento fazia parte de seus planos. — Emilinha Borba empreendia, juntamente com o locutor José Renato e o cantor Carlos Augusto, um novato de valor, uma excursão artística pelas principais cidades do nordeste. — Marlene brilhava no Chile, embora estivesse bastante resfriada. — Jorge Goulart começava a abafar com a gravação de «Dominó». — O pessoal da Rádio Ministério estava fulo de raiva: há quatro meses não recebia seus salários! — Décio Luís reformava contrato com a Tupi. — Assumia a direção do rádio-teatro do «Cacique do

(Cont. na pág. 34)



ALMIRANTE BRIGOU com Paulo de Grammont e deixou a Tupi. Inflexível, como sempre, o homem do «Incrível» não se conformou em ter perdido a causa nos tribunais.

JORGE GOULART foi o primeiro Rei do Rádio eleito durante a festa junina realizada pela As. Brasileira de Rádio. O príncipe ficou sendo Bill Farr.

Para Você Cantar

CANTANDO NA CHUVA
(Versão)

De Haroldo Barbosa Gravação por Charles Wilson e Diamantina Gomes

Eu sei que a chuva vem
O vento diz também,
Diz que o céu se fechou
Vai haver temporal
A chuva me faz
Querer te encontrar
Rever nosso ninho,
A hora de amar,
Deixa a chuva bater,
Deixa o vento gemer.
Espera por mim
Que eu já vou meu amor,
Cantando na chuva
A chuva canta também
A alegria
De ver o meu bem !

★

DEZ ANOS
(Marcha)

De Manèzinho Araújo e Carvalhinho — Gravação de César de Alencar e Heleninha Costa

E assim se passaram dez anos
Não veio aumento para o Bar-
[nabé
E assim se passaram dez anos
Nem mariola e nem picolé.

E o Barnabé la da Prefeitura
Nem no pindura
Arranja mais "ragu"
Janta banana pois a cana é
[dura
Nessa fartura
Barnabé acaba nu... nu-nu.

★

NOITE DE NATAL
(Fox-Canção)

De Maugéri Neto e Maugéri Sobrinho — Gravação de Orlando Silva com orquestra e côro

Noite de Natal,
Noite tão feliz
Fica a recordar
Meu lindo sonho de amor.
Juntos na Capela,
Rezando perto dela
Eu pedi a graça do Senhor.

Num prolongado beijo,
As nossas vidas se encontraram
Num único desejo
Nossos corações pulsaram.

Noite feliz
Noite feliz
Junto de quem eu sempre quis.

WHISTLE MY LOVE
(Canção)

De Eddie Pola e George Wyle Gravação de Ray Noble

Whistle my love
And I will come to you
High on a hilltop
Or out on the ocean lue
Whistle my love
I'll hear you calling me
I'll always find you
No matter where you may be
Whistle the song I sang to you
When our love was gay
And ev'ry friendly breeze that
Will bring it my way.
Whistle my love
And I will come to you
I'll always find you
As long as your love is true
I'll always find you
As long as your love is true.

★

GENTE DO MORRO
(Samba)

De Manoel Santana, Getúlio Macedo e Bené Alexandre — Gravação de Marlene

Vai, vai lá no morro ver
A diferença do samba do mor-
[ro para o da cidade
Vai, depois venha me dizer
Se não é lá no morro
Que se faz um samba de ver-
[dade.

A criança lá do morro
Nasce com pinta de bamba
Tem o ritmo na alma
Meu Deus, como tem a cadên-
[cia do samba.

Se você não acredita
Vá lá em cima apreciar
Veja que coisa bonita
A gente do morro sambar.

★

NÊGO DA CALÇA AMARELA
(Bambo)

De Adelino Moreira e Zé da Zilda — Gravação de Zé e Zilda

Nêgo da calça amarela
Onde tu foi passeá
Nêgo, tu veio banzero
Qui nem pode si aplumá.
Onde êsse nêgo passa
Todo mundo dá por ela
E só se vê dizendo
Olha o nêgo da calça amarela.

Êsse nêgo andou bebendo
Êle ainda tá banzero
Êsse nêgo andou brigando
Êle ainda tá banzero
Êsse nêgo andou caíndo
Êle ainda tá banzero, tá
Inda tá banzero, tá.

SE EU ERREI
(Samba)

De Francisco Neto, Humberto Carvalho e Edu Rocha — Gravação de Risadinha

Se eu errei,
Foi sem querer
Jamais pensei,
Jamais pensei,
Em te fazer sofrer.

O teu amor,
O teu calor
E' tudo para mim,
Se eu errei,
Se eu errei,
Meu grande amor,
Jamais pensei.

★

GUIOMAR
(Samba)

De Betinho e Francisco Neto — Gravação de Risadinha

Depois
De tanto tempo de ausência
Você voltou ao nosso lar
Confesso
Que não me fêz diferença
Depois de tanto tempo
Você podia ficar.
(Guiomar).

Você já sofria tanto
Para mim não foi espanto
Vendo você regressar
Sei que há muito você chora
Não vou lhe mandar embora
E nem peço pra ficar.
(Guiomar).

★

TENHA PENA DE MIM
(Samba)

De Anísio Bichara e Adacir Louro — Gravação de Ângela Maria

Ai ! Não me maltrate assim
Tenha dó, tenha pena de mim.

Sou eu quem implora o seu
[perdão
Chora demais
O meu coração
Soluçando em vão.

★

COSSACO
(Marcha)

De Carvalhinho — Gravação de César de Alencar

Se o Cossaco
Enche o saco
Que buraco,
Que buraco,
Afinal é muito feio
Ver mais um Cossaco cheio.

Ai !
Geme a Balalaika
Ai !
Vem de longe o berro
Pega o abridor de lata
E abre a cortina de ferro

NÃO MATEI
(Samba)

De Herivelto Martins — Gravação de Gilberto Milfont

Não matei
Porque é contra a lei de Deus
Esperei
Que a própria vida ensinasse
Sofri não posso negar
Gostava dela demais
Fazer o que ela fêz
Não se faz.

Porém hoje te encontro
E mano a mano
Confessas o desengano
Que sofreste igual a mim
Teu remorso é bem maior
Tua ação foi bem mais feia
Pecaste perante Deus...
Roubando a mulher alheia...

★

MARTE SE APROXIMA
(Samba)

De Luís Soberano e Ayrton Amorim — Gravação de Francisco Carlos

Que será de mim, meu Deus!
Olhai os sofrimentos meus
Vivo a meditar
Vida, onde vais parar?

Já estou descrente de tudo
Meu pai não haverá melhor
[mundo
Até no universo?
O bem também se encerra
Marte se aproxima da terra.

★

TOREIRO VALENTE
(Marcha)

De Herivelto Martins e Paulo Medeiros — Gravação do "Trio de Ouro"

Manolo, toureiro valente,
Mata na arena o touro que vier,
Mas, quando chega em casa,
Manolo treme
Com mêdo da mulher.

Manolo é aquêle que na Cata-
[lunha
Agarra touro à unha
Porém a mulher dêle
Não é sopa não.
E êle apanha que nem boi
[ladrão.
E o Manolito
Com a cara quebrada
Diz a todo mundo — Olé
Foi na tourada.

CINE CRÍTICA DO LEITOR

(Cont. da pág. 20)

simplicidade de seu assunto, mas sofreu um bom tratamento nas mãos de seus realizadores em que aparece a figura de um inteligente diretor e bem capacitado a dirigir westerns: "Fred Zinnemann". Do já quase esquecido "The Search" realizado na Alemanha, ao recente "Act of Violence", os progressos de Zinnemann foram muitos, até ao seu filme consagrador, que é "High Noon", em que trabalhou com uma equipe talentosa, aí estão: Stanley Kramer (produtor), Carl Foreman (cenarista), Dimitri Tiomkyn (música), Rudolf Sternard (cenógrafo), Floyd Crosby (fotógrafo).

O equilíbrio dêste diretor, "Fred Zinnemann" em "High Noon", pela uniformidade com que conduziu a história, reuniu em si as qualidades inimitáveis de um realizador profundo neste gênero de filme, que é John Ford, verdade que se deduz, qualidades comprovadas em uma única obra sua atualmente, êste "High Noon", mas que é uma prova de que poderá crescer mais quando chegar a dirigir outros westerns, e ser um novo Ford se os prognósticos não falharem.

A começar pelo herói da história de "High Noon", tipos que encontramos nos dramas de Ford, (vividos por um John Wayne ou um Henry Fonda) em que Zinnemann soube captar com a maior singularidade pessoal, tirando do Wyll Kane de Gary Cooper, uma interpretação correta sentida em todo o trojate do filme: o cuidado com que conduz os restantes do elenco, dentro de uma sobriedade natural, mesmo os menores papéis; a inteligência com que soube de acercar do drama que se depara à história simples de "High Noon", um ritmo forte dentro de uma tensão análoga a rispidez e a dureza dos mais sérios incidentes que contém a história. "High Noon" focaliza o drama de um delegado de um próspero município do oeste, Hadlevylle, quando êste necessita da ajuda dos seus habitantes, amigos mais íntimos, ante o perigo que estava exposta a pequena comunidade de vir a cair nas mãos de um sanguinário bandido, protegido ainda por mais trê facínoras. Tal "band-man" fôra julgado e condenado em Hadlevylle, porém, depois de longo tempo, indultado no norte, aonde servia os anos de cadeia, o sequioso bandido como prometera, está de partida para retornar ao próspero município, ali reviver a sua fama de facínora e ajustar-se com o delegado; e justamente a vingança do bandido sôbre o fiel delegado, é a suposição que vive na mente daquela gente, e que não lhes deixa olharem melhor, que a cooperação coletiva de todos é mais necessária que os caprichos pessoais, pois o futuro de Hadlevylle estava em jôgo. Resumido a isto, o delegado não encontra ajuda diante de um povo que se acovarda e se relaxa nos instintos do mêdo, enfim, a decadência moral de uma cidadezinha do oeste, que não soubera prestar ajuda àquele simples, humilde, e decidido delegado, em defesa de Hadlevylle pela lei e pela ordem.

Em um desenvolvimento cronológico que vai de 10,40 da manhã ao meio-dia daquele domingo agitado na velha Hadlevylle, a narrativa de Zinnemann se equilibra dentro de um suspense incontornável nas horas a que sucederá o encontro do delegado com o terrível bandido; o ritmo, que é adquirido dentro da simplicidade, alcança momentos de bom cinema em seqüências bem arquitetadas e de grande sentido psicológico dentro de uma naturalidade bem explícita. Concentrou-se Zinnemann naquela 1 hora e 20 minutos com irrepreensível suspense, em que o relógio o acrescia ainda mais por ser sempre focalizado após cenas e mais cenas. Boa fotografia e bem cenarizado. "High Noon" ainda apresenta uma bela e sonolenta balada: à High Noon... inteligentemente aproveitada por Zinnemann em tôdas as cenas vazias do filme.

Enquanto "High Noon" se destaca como melhor filme de "Fred Zinnemann" até o momento, o coloca sob meu ponto de vista, em um diretor que mais perto de Ford está no conduzimento de westerns, suposição que a meu ver, será completa com outros filmes do mesmo gênero, a não ser que os prognósticos falhem. Sòmente um Ford poderia dirigir êste "High Noon", tal a sua especialidade através de muitos westerns, em dramas dêste quilate.

Aguardemos outros westerns pelas mãos de Zinnemann, e veremos o resultado.

ODILON LORENA — Rio.

RÁDIO-SOCIAL

(Cont. da pág. 33)

excelente proposta nesse sentido. Mas não falou em levar o Vadinho em sua companhia. Que é que há, Joaninha? Conta êsse negócio pra Tia Laura.

POR QUE, DOMÍCIO?

Ora, vocês sabem muito bem que o Domício Costa é casado, não sabem? Então caiam pra trás com essa notícia: êle gosta de dizer que não é casado e nem costuma usar a aliança. Por que isso, Domício? Use de lealdade com as fãs e elas gostarão mais de você...

NÉLIO FÊZ ANOS

Apesar de já se encontrar no rádio paulistano há vários meses, Nélio Pinheiro recebeu inúmeras mensagens de fãs cariocas, por ocasião da passagem do seu aniversário natalício, ocorrido dia 1.º do corrente. Isso é que é prestígio, hem, Nélio?!

ELADIR, ELADIR...

Eladir, minha filha, que é que você fêz? Por que deixou o seu amor de uma hora pra outra? Você precisa contar-me essa história direitinho, pois não acredito de modo algum no fim do seu romance...

O BARBEIRO RICHARD...

(Cont. da pág. 19)

— Se a profissão de "astro" cinematográfico significava-lhe a segurança de um salário semanal certo, por que preferiu ser "free-lancer" do que renovar seu contrato com a Fox? — perguntamos-lhe.

— Simplesmente porque, assim, poderei variar mais de papéis, — responde o "astro". — Se você se lembra dos filmes que interpretei, verá que a Fox já me estava padronizando como um tipo brutal. Gostei dos papéis que tive em "Sublime Devoção", "Mercado de Ladrões" e "Sangue do Meu Sangue", mas também adorei fazer o romântico de "Orquídea Branca" (na Metro) e o detective de "Assassinato entre Estrêlas" (na Universal).

— Qual a maior satisfação que encontra sendo "astro" em Hollywood?

— Em primeiro lugar, o fato de não ter que me preocupar com o pagamento de casa... — pilheria êle. — Em segundo, a oportunidade que me oferece de poder usar a mim mesmo da maneira mais completa que seria permitido a um ser humano, ou seja: viver outras vidas na tela, enquanto que, particularmente, ainda tenho tempo para continuar a praticar piano e a aperfeiçoar-me na pintura.

De todos os quadros que já pintou até hoje, o favorito de Conte é um que se encontra sôbre a lareira da sua casa. Nêle, vê-se u'a moça magra e alta, de avental, com um ferro de engomar na mão, pronta a começar a passar uma pilha de roupas. A jovem é Ruth, espôsa de Richard, da maneira como êle a conheceu em Nova York, no pequeno apartamento que ela ocupava.

— E' o meu quadro favorito porque representa não só um episódio romântico, como uma parte da nossa luta pela vida, — conta o "astro". Notamos que êle fala da espôsa com grande carinho. O interessante a respeito de Ruth é que, apesar de após o casamento, ter se tornado uma das grandes atrizes dos palcos americanos, ela sempre se recusou a atuar frente às câmaras e só há poucas semanas Richard conseguiu convencê-la a aparecer ao seu lado no filme "Slaves of Babylon" (Escravos da Babilônia), da Columbia, no qual a "estrêla" é Linda Christian. Assim mesmo, Ruth recusou-se a assinar o sobrenome do marido, a fim de não dar a impressão de "protegida" e será apresentada no filme como "Ruth Storey".

Richard ainda não sabe qual será seu próximo filme. Na verdade, quando nos encontramos, seus planos eram bem outros: uma viagem ao Brasil.

— Estou tentando convencer o produtor Alex Gotlieb a me mandar ao seu país para a estréia de "The Fighter". Sempre tive muita vontade de conhecer o Rio e, especialmente, São Paulo, onde meu pai já estêve há alguns anos.

O "astro" é descendente de italianos (seu verdadeiro nome é Nicholas Peter Conte) e seu pai fôra à capital paulista tentar a vida, mas acabara voltando nos Estados Unidos.

— Se eu não conseguir aliar o útil ao agradável, isto é, ir com aquêle filme da United, espero visitar o Brasil no próximo ano, durante minhas férias. E, pode ter a certeza: desta vez sei muito bem o que quero!

E O NOIVO VOLTOU...

(Cont. da pág. 17)

Strouple contrata um advogado e um psiquiatra com o fim de provar que Alvah é mentalmente incompetente para assinar o acôrdo da estrada de ferro, passando por sua propriedade, de modo a permitir que Lee o faça. Aí é que Lee desperta de sua sonolência. Alvah está arrumando as suas coisas para ir embora, quando Strouple chega com o advogado e o psiquiatra para um exame. Lee põe a casa em polvorosa em defesa de Alvah. Mas êle aproveitando a confusão escapa e vai embora.

A mãe de Lee está feliz. Agora o casamento poderá ser anulado e Strouple será seu genro. Mas, a senhora não sabia que Lee era contra tudo isso. Quando Will Stubbins telefona-lhe dizendo que a bagagem de Alvah estava em seu apartamento e que êle estava naquele momento comprando uma passagem na estação, ela corre para o apartamento e convence Alvah de que a felicidade dêles é a única coisa que pode interessar a ambos...

A "CENA" SELECIONA...

(Cont. da pág. 13)

rer, "Evidência Trágica", de E. A. Dupont (excelente trhiller psicológico), "Lâmpada Azul", de Basil Dearden (ótimo policial), "Ultimatum", de Boulding, os musicais "Sinfonia de Paris" e "Cantando na Chuva" e o musical inglês "Contos de Hofman", de Powel-Pressburger por sua contribuição para a síntese Cinema-Ballet (apesar do excesso de "verbo"), "Imã Encantado", bela fábula moderna, "Orfeu", de Cocteau, pelo seu conteúdo se bem que velado pelo excesso de cérebro, "Matar ou Morrer", de Fred Zinnemann, bonita balada de farwest, clássico no gênero, "Sinfonia de Paris", de Duvivier, sinfônico retrato de uma cidade, "Hora da Vingança", de R. Brooks, pelo retrato da Imprensa. Menções honrosas cabem também, a "Caso de Honra" e "Mulher Falada", de Asquith, **"Telefonema de um Estranho", dada a maravilhosa cenarização de Nunnely Johnson, "Justiça Injusta" (The Sound of Fury) pelo vigor, "Por amor também se mata", o último filme de John Garfield,** "O Pária das Ilhas", da Carol Reed pelo vigor formal, "Poço de Angústia", pela intenção de abordar o problema racial.

(Aos leitores de São Paulo: não deixam de ser aqui citados grandes filmes já exibidos em São Paulo mas que não o foram na Capital Federal).

CINEMA NACIONAL: — Inegàvelmente o melhor filme nacional exibido neste 1952 é o realizado pelo mestre Alberto Cavalcanti, "Simão, o Caolho".

O RÁDIO EM...

(Cont. da pág. 28)

Ar» o galã bandeirante Walter Forster. — Linda Rodrigues declarava que diria adeus ao rádio, pois encontrara o eleito de seu coração. Mas quem foi que disse que ela foi embora? — Waldir Azevedo regressava de triunfal temporada do Uruguai e Argentina. — César Ladeira e Luis Jatobá, em grande estilo na Rádio Mayrink Veiga. — Carlos Cotrim deixava a Rádio Tamoio, sendo substituído — e muito bem, — pelo Paulo Raimundo. — Marilena Alves ficava caidinha pelo Géber Moreira. — Francisco Anísio ingressava na Rádio Mayrink Veiga. — Araci de Almeida era a mais recente conquista da estação de Victor Costa. — Em Santiago do Chile, Marlene beijava os campeões panamericanos de futebol. — Ida Gomes voltava ao «cast» da Tupi. — Carlos Rizzini, regressando de Paris, declarava: «Os franceses não se interessam pela televisão». — Sadi Cabral passava a chefiar o elenco de teatro cego da Globo. — E os Lecuona brilhavam na Clube.

MAIO

Linda Batista empolgava os italianos com o seu estilo inconfundível. — A Rádio Tamoio contratava Vicente Celestino para estrelar a novela «Alma de Palhaço», como cantor e rádio-ator. — Os Anjos do Inferno ingressavam na Mayrink. — Desfazia-se o Trio de Ouro. Herivelto, ao invés de ficar triste, afirmava que iria formar outro. Persistência ali é mato. — João Fernandes e Haydée Fernandes iam para a PRA-9. — A Rádio Eldorado inaugurava oficialmente suas transmissões, declarando-se, desde logo, contra as novelas. — A Mayrink instituía um concurso para a descoberta de dois locutores esportivos. Quais foram os vencedores? Até hoje ninguém sabe... — Sagramor de Scuvero deixava a Tupi. Nova emissora? A Clube. — Brício de Abreu era o novo chefe do Departamento de Divulgação das Associadas. — Inaugurava-se a Rádio Nacional de São Paulo. — Casava-se o rádio-ator da Tamoio, Hamilton Pacheco, na igreja de São Francisco Xavier, com a srta. Yedda Ribeiro da Costa. — Perez e Prado e sua famose orquestra de mambeiros estreavam na Rádio Clube. — Casava-se, também, o cantor Nilo Sérgio com a srta. Celina Domingues. — A cegonha trazia um novo habitante para o lar de César Ladeira e Renata Fronzi. Nome do garotão: Renato. — Marlene regressava do Chile. — Em lugar de «Alma do Sertão», a Rádio Nacional lançava o programa «Hoje tem espetáculo». — Reformava contrato com a Tamoio, a rádio-atriz Aidée Miranda. — Reaparecia ao microfone da Nacional o cantor Francisco Alves. — Tomava posse do cargo de diretor da Rádio Mauá, o sr. Hildebrando Falcão. — Germano passava a atuar, também, na Rádio Mayrink Veiga, em face de um acôrdo entre essa emissora e a Rádio Nacional. — Estreava na Rádio Tupi o animador Roberto Linhares. — Dick Farney encontrava-se em Buenos Aires, abafando a banca. — Herivelto anunciava o ingresso de Lourdinha Bittencourt no Trio de Ouro. — A Rádio Eldorado anunciava que irradiaria sòmente quatro textos comerciais em cada intervalo. — Linda Batista declarava que não trouxera dinheiro da Europa. — Os Curumins faziam grande sucesso na Tamoio. — E Marlene e Luís Delfino anunciavam o enforcamento para o mês de junho. As fãs aguardavam, ansiosas, o grande dia!

JUNHO

Nestor de Holanda lançava o livro «Anedotas do Rádio». Sucesso! — Barbosa Júnior reaparecia com o «Picolino» na Mayrink. — Crescia o interêsse dos ouvintes em tôrno do quilométrico «O direito de nascer». A turma sofria com Mamãe Dolores. — Aloísio Silva Araújo se metia em nova embrulhada. Desta vez, com a polícia niteroiense, já que fôra acusado de ter ficado com a renda de um festival realizado em Niterói. — Tenório Cavalcanti, o irrequieto deputado de Caxias, estreava no rádio, escrevendo e lendo um comentário político na Mayrink. — Jorge Murad assinava contrato com a Rádio Nacional. — Colé desquitava-se de Celeste Aída. Devido a uma «parada» com Gilberto Martins, o discotecário João Assaf deixava a Rádio Eldorado. O mesmo sucedia com o locutor Santos Garcia. — Vítima de um desastre de automóvel, falecia a «estrêla» da Televisão, Sônia Ketter. — A Guanabara anunciava a inauguração, em julho, do seu transmissor de 10 kws. — Alcides Gerardi ficava noivo da filha de Jorge Veiga. — Luís Gonzaga estreava nas Associadas Cariocas com grande sucesso. — Emilinha regressava do nordeste. — Novo programa de Castro Barbosa na Tupi: «A feira do dia», que depois passou a chamar-se «Um dia na feira». — Gessy Santos, egressa da escola de rádio-teatro dirigida por Berliet Júnior, era contratada

(Cont. na pág. 34)

JORGE (Indiferente) — Agora eu faço assim outra vez. Olhe.
MARIA (Susto e angústia) — Oh... jogou fora!... Por que?
MALVINA (Dura) — Jorge!... Isso não se faz!
MARIA (Surprêsa) — Mamãe!... A senhora?...

MALVINA — Vá embora daqui, Jorge. Deixe a Maria Angélica em paz. (Pausa — Calculada, perversa) — Que está fazendo, minha filha?

MARIA (Alegria súbita, inacreditando) — Oh... a senhora... há quanto tempo não me chamava assim?... Pensei que estivesse com raiva de mim...

MALVINA — Não. Não quero lhe fazer nenhum mal. Venha comigo.
MARIA — Aonde vai me levar?
MALVINA — Você verá.

....

MALVINA — Está vendo?... Você estava com sêde...
MARIA (Angústia) — Mas... mamãe... isto é o mar... água salgada...

MALVINA — Não. Desta água a gente pode beber. E' muito boa, Maria Angélica...
MARIA — Eu tenho mêdo... o mar está muito agitado...

MALVINA — Não tem importância. Eu ajudo você. Vamos.

MARIA (Assusta) — Não, mamãe... eu não quero ir... (Debatendo-se) — Não!... Largue-me... eu não quero ir, mamãe! (Chôro nervoso).

MALVINA (Perversa — Rindo) — Você não tem sêde?... Pois olhe a água! (Ri diabòlicamente) — Olhe a água, Maria Angélica!... Olhe! (Gargalha) — Beba à vontade!... Pode beber... não é salgada!...
MARIA (Grande pavor) — Não... mamãe, por favor!... Não!...

....

MARIA — (Ofegando — Desperta) — Oh... mamãe... não faça isso... (Acordou — Pausa — Alivia-se) — Oh meu Deus... que pesadelo horrível... Pensei que fôsse verdade. (Pausa) — Tudo escuro... ainda não amanheceu. Que noite sem fim!... Não acaba mais. E como está frio aqui... o cimento parece gêlo. (Pausinha) — Que sêde, meu Deus... Vi tanta água no sonho... e não tenho nem uma gôta. (Angústia) — Por que está acontecendo isso comigo?... Que foi que eu fiz? (Soluço) — Todos me abandonaram. Ninguém vem me salvar . E o papai? Será que não deu falta de mim?... E a d. Raimunda?... Por que não vai contar ao padre Luís o que a mamãe está fazendo comigo?... Glorinha deve estar aflita por minha causa... (Desespêro) — Por que todos me abandonaram? Por que?... Até Ela... Ela... era tão boazinha... e agora não quer mais saber de mim. (Em pranto) — Ela também me abandonou...

SENHORA — (Terna) — Você se engana, Maria Angélica...
MARIA — Oh!
SENHORA — ... eu não abandonei você.
MARIA (Grande surprêsa e alegria) — Oh... a senhora... a senhora!...

RÁDIONOVELA de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO XVIII

As horas avançavam e Maria Angélica continuava no seu cativeiro. Após algum tempo de meditação e prece, cerrou os olhos e adormeceu, apesar do frio intenso e da sêde que lhe corroía o organismo. Adormeceu pensando na bela senhora que sempre lhe aparecia nos momentos difíceis e que agora tardava tanto a chegar. Próximo ao lugar onde ela se encontrava prisioneira, a velha Raimunda tentava convencer d. Malvina de que aquilo era uma injustiça, uma desumanidade.

....

RAIMUNDA — Então a senhora tem coragem de dizer uma coisa dessas?
MALVINA — A senhora está se assustando sem motivo, seá Raimunda. Já lhe disse que isso é apenas u'a maneira de dizer. Nada mais.
RAIMUNDA (Alarmada) — Eu sei o que está pensando, d. Malvina. A senhora sabe que a menina é doente e não pode apanhar friagem... e aquela despensa parece de gêlo!

MALVINA — Não é tanto assim. (Mentindo) — Eu tive o cuidado de levar alguns cobertores para ela...

RAIMUNDA (Inconformada) — Me diga uma coisa, d. Malvina: pra que tudo isso?... Que foi que a menina fêz de mal?... Não há motivo para que a senhora feche a coitadinha na despensa, com uma noite fria desta maneira... Não faça isso não!

MALVINA (Dura) — Seá Raimunda... já lhe disse que não se intrometa no que não é da sua conta. Lá ela está tão bem como em seu quarto. E eu tenho os meus motivos.
RAIMUNDA — Mas, d. Malvina...
MALVINA — Convém a senhora ir se deitar. Já é muito tarde.

RAIMUNDA (Suspiro) — Está bem, está bem. A senhora não vai esperar o seu Mendes?
MALVINA — Para que?... Êle sabe o caminho da casa. Vem quando quiser.

Meia-noite na cidade adormecida. O silêncio se casa ao frio úmido que percorre as ruas desertas. No seu quarto, sem poder dormir, Glorinha medita. Seus olhos circunvagam na escuridão, enquanto seu pensamento percorre a distância que a separa da irmãzinha querida...

....

GLORINHA (Triste) — Será que ela está dormindo agora?... Talvez não, coitadinha... porque está muito frio e aquela despensa é horrível. Mas amanhã eu juro que darei um jeito. Isso não pode ficar assim. Por que será que a mamãe faz tanta ruindade com ela?... E o papai? Será que já veio da rua?... Não sei o que está acontecendo com êle. Anda triste, quase não fala com a gente... e há muito tempo não traz um presentinho para mim... Coitado. Acho que são as preocupações. Se eu pudesse ajudá-lo nalguma coisa... Amanhã, depois que êle chegar, eu falo com êle...

....

Na estrada que leva até à vila próxima, alguém caminha a passos cansados. O frio é intenso e êle anda com dificuldade. O cigarro que lhe pende dos lábios contrasta com a luz das estrêlas que cintilam no céu. Mendes não acredita muito no futuro, mas vai assim mesmo seguindo o seu destino, aguardando dias melhores para si e sua família.

....

MENDES (Faz frio — Respira) — Ah... que noite fria, meu Deus... Parece feita de gêlo. Eu devia ter trazido um agasalho. Pensei que quando andasse um pouco o frio abrandaria, mas qual nada. Se o reumatismo não protestasse, eu poderia correr, correr... Minha filha Glorinha não poderá andar mais... Vai ficar prêsa ao leito a vida inteira. Ainda bem que não morreu. Podia ter sido pior... Malvina... Mudou tanto de uns tempos para cá... nem parece a mesma. Ah, não sei o que aconteceu com ela!... Como pode uma pessoa mudar tanto?... E' por causa dela que estou aqui... caminhando nesta estrada... e sem esperanças de encontrar remédio para as minhas dificuldades. Se não fôsse pelos meus filhos, eu não voltaria mais... nunca mais. Mas êles não têm culpa de nada. Glorinha está doente... Jorge não pensa... e Maria Angélica... (Doce e terno) — Maria Angélica é a filha do meu coração. Tão boazinha... e tão inocente! (Leve sorriso) — Quando a verei novamente conversando com as suas rosas?... Parecia uma rosa loura no meio das outras... Uma rosa que falava... que sorria... e que punha uma lágrima nos olhos sempre que a tristeza lhe descia na alma... (Suspiro) — Pobre Maria Angélica!... A esta hora deve estar dormindo... um sono de inocente... um sono de anjo...

Maria Angélica dormia... e os sonhos lhe povoavam o espírito atormentado...

....

MARIA (Sonhando) — Ah... já estou cansada de ficar prêsa aqui... (Vê) — Interessante... não estou mais na despensa... Mas que lugar é êste?... Esquisito... como é que a gente pode mudar de um lugar para outro tão depressa? (Pausinha) — E eu estou com tanta sêde... Se achásse um pouco d'água... se encontrasse alguém... (Viu — Surprêsa boa) — Oh!... a Glorinha! a Glorinha!... e está andando!...

GLORINHA (Vindo) — Maria Angélica... onde você estava?... Papai está preocupado com você...

MARIA (Muito Alegre) — Glorinha!... Você está andando!... Como foi que isso aconteceu?

GLORINHA (Triste) — E' só hoje. Amanhã eu tenho que voltar para a cama.

MARIA — (Não compreende) — Por que?

GLORINHA — Não sei. Está escrito num livro grande.

MARIA — Ah. (Pausinha) — Glorinha... estou com tanta sêde... Você não sabe onde tem água?

GLORINHA — Sei, sim. Venha comigo.

MARIA — Não é muito longe?

GLORINHA — Não. Feche os olhos.

MARIA — Para que?

GLORINHA — Feche.

MARIA — Ahn.

GLORINHA — Pode abrir.

MARIA (Pausinha — Deslumbramento) — Oh!... Uma cachoeira... Que maravilha... e com tanta água!... Glorinha, estou com tanta sêde, que vou beber tudo!

GLORINHA (Leve sorriso) — Bobinha... Pode beber, então.

MARIA (Satisfação) — Ah... até que enfim!

MARIA (Como se bebesse — Alarmada) — Glorinha!... Não adianta eu beber!... Esta água não mata minha sêde!... (Pânico) — Por que, Glorinha? (Surprêsa — Angústia) — Oh!... A cachoeira está sumindo... está desaparecendo... (Chama) — Glorinha! Onde está?!

....

MARIA (Mais angústia) — Glorinha!... Não me abandone!... Não me deixe agora!... Oh, meu Deus... que está acontecendo comigo?

JORGE (Duro) — Que é que está fazendo aqui, Maria Angélica?

MARIA (Choque) — Jorge!... Você veio me buscar...

JORGE — Eu vou buscar você?... Ora essa!

MARIA (Viu) — Que é isso na sua mão?

JORGE — Não está vendo? Pois é isso!... Um copo cheio d'água e outro vazio!

MARIA (Esperança) — Jorge!...

JORGE (Perverso) — Agora eu faço assim, quer ver?

MARIA — Oh... estou com sêde, Jorge... deixe eu beber!?

SINTONISANDO

MILTON SALLES

RÁDIO ELDORADO — Dia 22 de dezembro de 52 — 20 h e 30 m — Apesar de ter feito estrondosa propaganda de que sòmente irradiaria quatro textos por intervalo em suas programações, a caçula das emissoras cariocas já está fazendo o joguinho das mais velhas. Isto é, está oferecendo aos seus sintonizadores um churrilho de textos intercalados de vinhetas musicais. Se a ZYZ-22 vinha, até então, ganhando a simpatia dos radioescutas pela sobriedade na apresentação da publicidade, seria conveniente que não voltasse a divulgar quase uma dúzia de textos, como aconteceu no dia 22 do mês transato, para continuar mantendo o seu nível de audiência. Êsse é um dos pontos em que Júlio de Queiroz, seu novo diretor artístico, deve atentar imediatamente. Cotação: **decepcionante**.

CANCIONEIROS FAMOSOS — Rádio Clube do Brasil — Dia 21 de dezembro — 14 h. — Mais uma vez tornamos a ouvir êsse tradicional programa da PRA-3 e, mais uma vez, constatamos que os seus organizadores prosseguem mantendo a «tradição» de apresentar, todos os domingos, as mesmas músicas, em sua grande maioria, irradiadas no domingo anterior. O fato, como se vê, merece a atenção da direção da emissora, uma vez que, além de perder ouvintes paulatinamente tôdas as semanas, a Rádio Clube pode perder, igualmente, o patrocinador do horário, o que será bem pior... do ponto de vista comercial. Cotação: **inacreditável**.

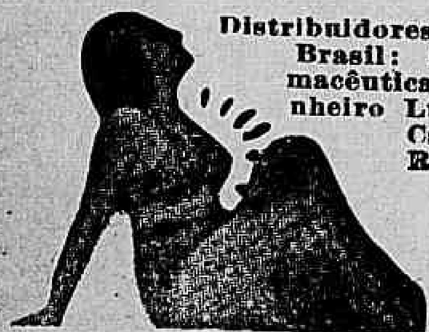
«BALANÇA MAS NÃO CAI» — Rádio Nacional — Dia 26 de dezembro — 20 h. e 35 m. — A verdade, doa a quem doer, é esta: o nível dêsse programa está baixando assustadoramente. Segundo depreendemos dessa audição, o «Balança» está muitos pontos aquém das suas primeiras apresentações na estação da Praça Mauá. Já não temos aquelas piadas deliciosas, que nos fazia rir naturalmente, já não encontramos aquêles trocadilhos gostosos, sem demasiada malícia, nem aquelas críticas infernais do «Peladinho». Agora, quando as piadas não são insôssas, ferem à boa moral, com exceção, apenas, do «Primo pobre do primo rico», cujo diálogo vem se mantendo há muito no mesmo nível engraçado e interessante. Os produtores do programa — Max Nunes e Paulo Gracindo — se não quiserem ver o «Balança» perder o recorde de audiência que lhe pertencia às sextas-feiras, devem usar melhor o bestunto. Os radioatores, como sempre, estiveram seguros em seus desempenhos, valendo ser realçada a atuação de Brandão Filho, que a cada apresentação marca novas e elogiosas performances. Cotação: **regular**, levando-se em conta o trabalho dos intérpretes.

JÔGO VASCO X AMÉRICA — Rádio Globo — Dia 28 de dezembro — 16 h. e 50 m. — Luís Mendes, mais uma vez, demonstrou que é possuidor de grandes qualidades para o difícil mister de relatar pugnas futebolísticas. Sem usar um vocabulário grandiloquente, empregando no relato a palavra certa e acompanhando com vivacidade tôdas as jogadas, o jovem locutor da Globo, nessa partida cheia de imprevistos, que foi a disputara por cruzmaltinos e americanos, demonstrou, ainda — fato elogiável num locutor esportivo — ser perfeito conhecedor das regras do «association» e imparcial. Já um de seus auxiliares, cujo nome não nos vem à lembrança, quando, após o encontro, foi entrevistar os vascainos, desmandou-se a dizer asneiras, concordando com as declarações dos jogadores, coisa inconcebível num repórter que se presa. Quando isso aconteceu, o jovem Luís Mendes tornou a mostrar as suas qualidades, passando um pito de classe no auxiliar. Os comentários de Luís Brunini não estiveram brilhantes como das vêzes anteriores e o Benjamin Wright, como sempre, deu verdadeiras aulas sôbre os regulamentos futebolísticos, além de comentar a peleja dentro de um padrão apreciável. A continuar assim — e chamando a atenção daquele repórter para não mais demonstrar as suas paixões clubísticas durante as irradiações — a equipe esportiva da Rádio Globo promete bater tôdas as suas concorrentes. Cotação: **muito boa**.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

Rádio Social

CUIDADO, NEIDA!

Vieram contar a Tia Laura que a festejada rádio-atriz Neida Rodrigues está caidinha por um conhecido produtor. Mas acontece que êsse fabricante de programas é casado. Vai daí, dou êsse conselho à querida artista: cuidado, Neidinha! Muito cuidado!

E O OSVALDO?

Como vocês devem saber, a Joana D'Arc é a menina dos olhos do Osvaldo, aquêle "keeper" bonitão do Bangu que não deu sorte no futebol carioca. Pois bem, um dia dêsses ela declarou no bar do Oliveira, na Rádio Tupi, que estava com vontade de ir aos Estados Unidos, pois tinha recebido

(Cont. na pág. 30)

Não chore!

POLVILHO ANTISSÉPTICO

GRANADO

acaba com as Brotoejas

GRANADO

JOÃO FRE

JÁ SAIU!

O livro dos mil assuntos

O "ALMANAQUE

EU

SEI

TUDO"

de 1953

O MAIS COMPLETO E MAIS ÚTIL

ALMANAQUE BRASILEIRO

A VENDA EM TODAS AS BANCAS

pela Tamoio. — A Mayrink Veiga lançava «Aí vem o sucesso», produção de Haroldo Barbosa. — Venilton Santos e Tânia Mara, dois jovens cantores, eram contratados pela Nacional. — «Toque, maestro» voltava à programação da Tupi, agora sob o comando de Ari Barroso. — Normando Lopes trocava as funções de locutor pela de rádio-ator na Tamoio. — Carmélia Alves e Jorge Veiga atuavam, simultâneamente, na Nacional e na Clube. — Nascia o primogênito de Manoel Barcelos. — O ex-prefeito Mendes de Morais também acompanhava «O direito de nascer». — Jorge Goulart era eleito Rei do Rádio, na festa realizada pela A.B.R. no High Life. — E Dalva brilhava em Londres, ao lado de Roberto Inglês.

NOTÍCIAS E...

(Cont. da pág. 10)

PÍLULAS: — Alex Vianny também em surdina anda preparando seu «Estouro na Praça» que vai ser de abafar!... Luís de Barros continua as filmagens de seu filme de carnaval com título ainda provisório «Você é que é feliz»; cada novo dia surge um novo grande nome no elenco... Revezando-se com Luís nos estúdios Carmem Santos, Watson Macedo também filma seu musical carnavalesco «Fogo na Roupa»... E a Atlântida iniciou uma inteligente preparação de seu novo filme através de seus jornais de atualidades. Há um novo cérebro trabalhando nas fileiras de Severiano...

A MULHER FALADA

(Cont. da pág. 9)

dentemente à base das fusões em negativo,, criação do ambiente e interpretação dos atores, de acôrdo com a verdade ou a mentira da versão), situam sòmente a sua verdade ou a mentira. Em "Mulher Falada", as diferentes versões são ambos: são conceitos e são, ao mesmo tempo, constatações de veracidade.

E tôda esta maneira humaníssima de olhar a vida, Asquith a despeja num tema despretensiosíssimo: uma mera história policial que assim adquire uma fôrça extraordinária graças ao crescendo e ao impacto dramático (impacto humano) que a sua fôrça e a habilidade como realizador armam e manejam.

Na parte essencialmente de cinema: Asquith usa maravilhosamente os cortes para pular de um flash-back para o presente ou de um lugar ao outro como, aliás, os realizadores de "Rasho-Mon" também o fizeram e, de uma forma ainda mais marcante, dando a esta pontuação cinematográfica uma simbologia e um valor psicológicos.

E, para tornar a obra mais coesa e mais alinhavada, não deixando que as versões se percam em sub-histórias, Asquith faz com que as versões, no que elas têm de veracidade, se toquem, mas sempre olhadas sob um diferente ângulo fotográfico e conseqüentemente também psicológico.

Magnífica interpretação de Jean Kent (também de "Nunca te amei") que marca e compõe admiràvelmente bem a mesma mulher vista sob quatro pontos de vista. Sua maleabilidade é tamanha que ela consegue atrair e afastar, fazer-se odiada e amada.

CAFÉ CANTANTE

(Cont. da pág. 14)

homem seja o assassino de seu filho Pacorro. Mais tarde, essa desconfiança da velha cigana é confirmada pela trágica confissão de Pepe, que declara ser o matador do jovem cigano, mas afirma não ser um assassino vulgar. Afirma ainda, que matara Pacorro frente a frente, como homem, quando lhe pedia que reparasse o mal que fizera a uma de suas irmãs. Para Rosário é um momento cruel, em que as idéias bailam em sua cabeça num torvelinho de enlouquecer. Ali estava o assassino do seu marido; o homem em cuja procura ela estava esgotando sua mocidade; o objeto da vingança que ela jurara realizar sôbre o cadáver do seu amado e ao som das músicas de sua boda infeliz. Mas acontece que o destino lhe trazia na mesma pessoa o seu novo amor.

Difícil se torna ordenar as idéias. Passada a surprêsa Rosário pesa as razões de Pepe e lhe dá fuga. Antes despedem-se para sempre.

Rosário encontra Don Paco que, cansado de esperar pelo seu pronunciamento, quer torná-la sua espôsa naquela mesma noite. Pepe, em sua fuga desesperada, não pode esquecer a mulher que ama e volta para buscá-la. Surpreende o libertino indivíduo forçando Rosário a uma resolução que ela abomina. Pepe trava uma luta tremenda com Don Paco, levando a melhor, deixando ali mais um homem mau, vencido. Pepe tinha, no seu destino, escrito, que encontraria sempre os maus; êle parte levando Rosário para rumos desconhecidos; êles afrontarão perigos, mas tudo há de passar porque se amam e a felicidade sorrirá. Encaminham-se para o portão, vai buscar o cavalo. Mas o terrível Don Paco, já refeito, assoma à sacada e dispara o revólver. Rosário cai. Era o fim. Pepe só tem tempo de receber um beijo de sua bôca como o último hálito de vida.

O QUE A TELA NÃO MOSTRA

(Cont. da pág. 15)

EXCESSO DE REALISMO

Durante a filmagem de uma seqüência de "Cangaceiros", da Vera Cruz, a estrêla Marisa Prado quase que se tornava vítima das garras de uma feroz onça, animal que todos sabemos não é de brincadeiras. Não sabemos se a cena inesperada foi realmente aproveitada pelas câmaras.

A VIDA DE SOLTEIRO E' MELHOR...

Eis a relação dos artistas ainda solteiros de Hollywood: Farley Granger, Marlon Brando, Peter Lawford, Steve Cochran, Scott Brady, Rock Hudson. Entre as estrêlas: Vera Ellen, Ann Blyth, June Haver, Yvonne de Carlo, Jean Peters, Debbie Reynolds. Interessam?

MUITO PERFEITO PARA SER FALSO

Conta Deborah Kerr que sua mãe ficou horrorizada quando a viu embriagada no filme "Edward, My Son". Naturalmente que tudo não passava de representação cênica e os "drinks" que a artista tomava eram inofensivos goles de chá. Mesmo assim, a sra. Kerr tinha certas dúvidas sôbre o comportamento de sua filha em Hollywood, pois o pileque era muito real para ser improvizado numa encenação...

O MOCINHO TEM MÊDO

Tendo de filmar algumas seqüências de "Mogambo" nas próprias selvas africanas, Clark Gable exigiu uma guarda para garantia de sua vida. Como se sabe, os nativos de Mogambo adoram um churrasco de carne humana... E as nativas, então, adorariam um churrasco de Clark Gable.

PROCURAVA-SE UMA... HEDY LAMARR

Quando se decidiu a filmar "Sansão e Dalila", Cecil B. de Mille sabia que o papel de Dalila estava reservado para Hedy Lamarr. Apesar disso, o velho diretor fêz anunciar um concurso para a escolha de uma jovem para tão ambicionada personagem. As únicas exigências do concurso rezavam que as candidatas deveriam ter pêso tal, medidas tais, altura tal, cabelos e olhos tais, etcetera e tal, características físicas que não eram outras senão as da própria Miss Lamarr...

O FÃ PERGUNTA: A CENA RESPONDE

(Cont. da pág. 20)

JOÃO JOSE' SILVA (São Paulo) — "...queria saber notícias de Merle Oberon..."

R. — Merle Oberon não trabalha mais em Hollywood. Tem feito, ùltimamente, filmes na França e na Inglaterra. Seu nome verdadeiro é Estelle Merle O'Brien Thompson. Nasceu no dia 19 de fevereiro de 1911, na ilha da Tasmânia. Fêz filmes notáveis como "O Pimpinela Escarlate" e "O Morro dos Ventos Uivantes". Seu último filme é "24 Horas da Vida de uma Mulher", ainda não exibido no Brasil.

ANTÔNIO CARLOS (Distrito Federal) — "...a pianista brasileira Madalena Tagliaferro já trabalhou em cinema?"

R. — Em filmes de divulgação musical feitos na França, como "Jeune Fille au Jardin", de 1936.

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

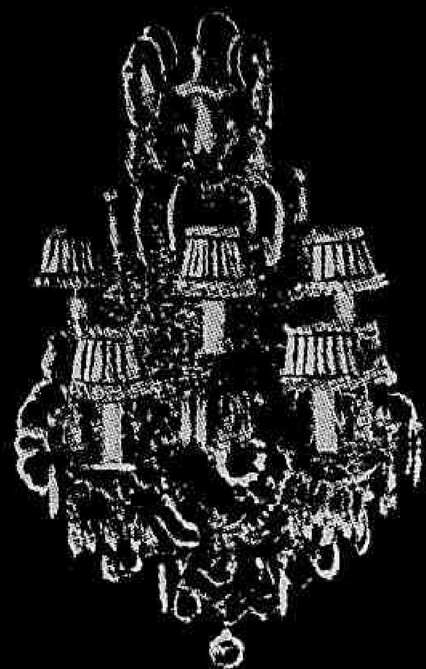
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

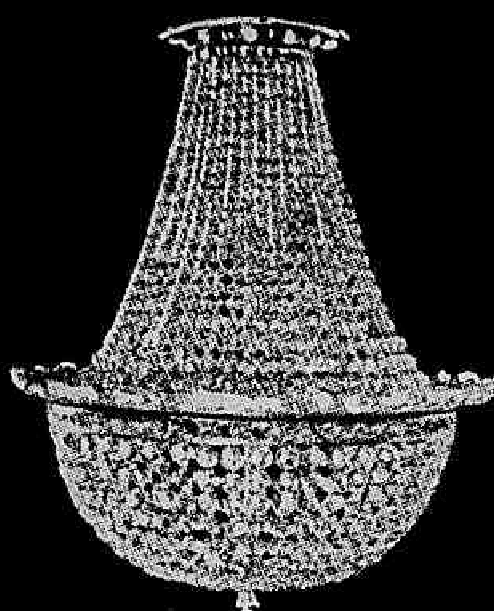
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por preço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

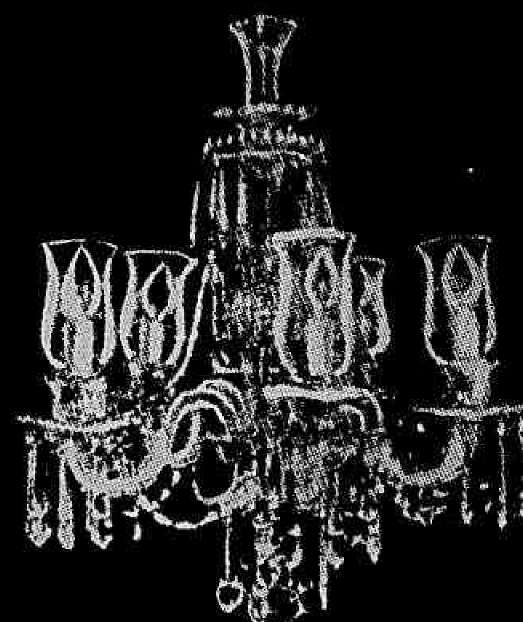
GALERIA SÃO PEDRO

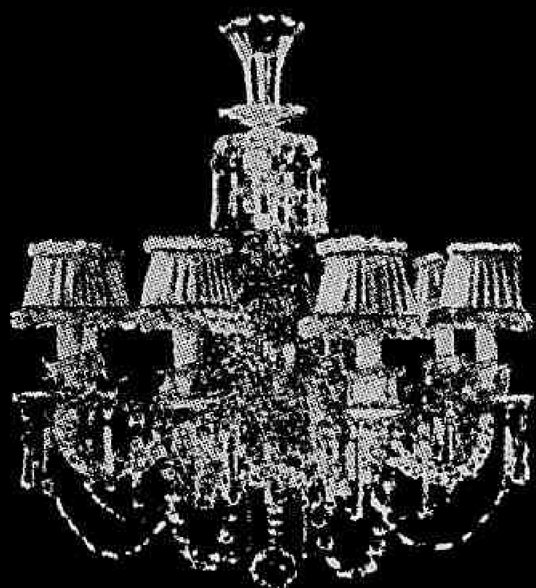
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Túnel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

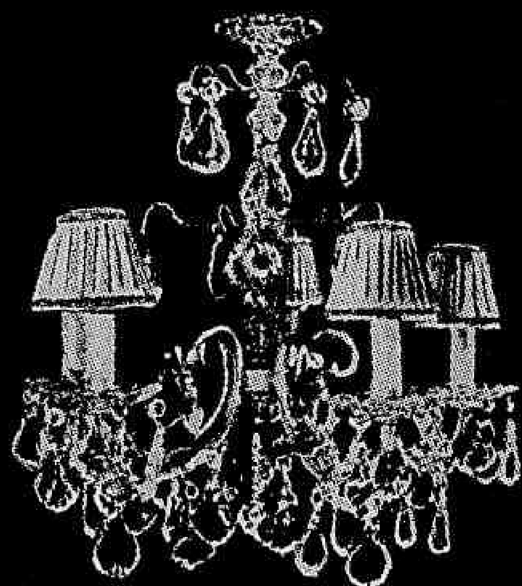

1

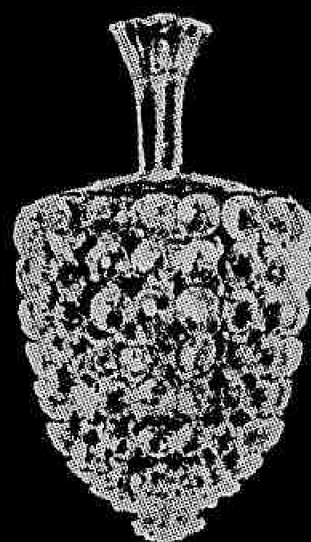

2

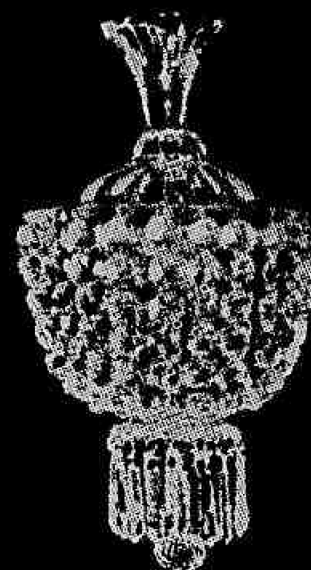

3

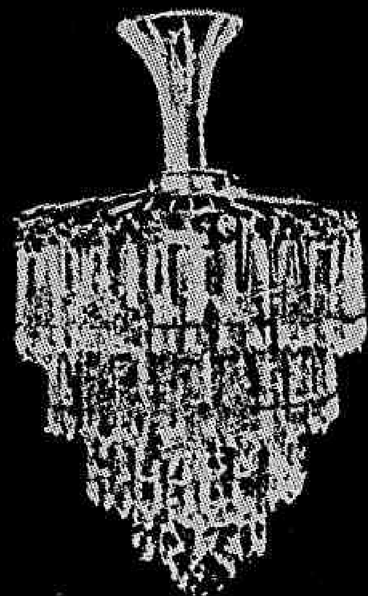

4

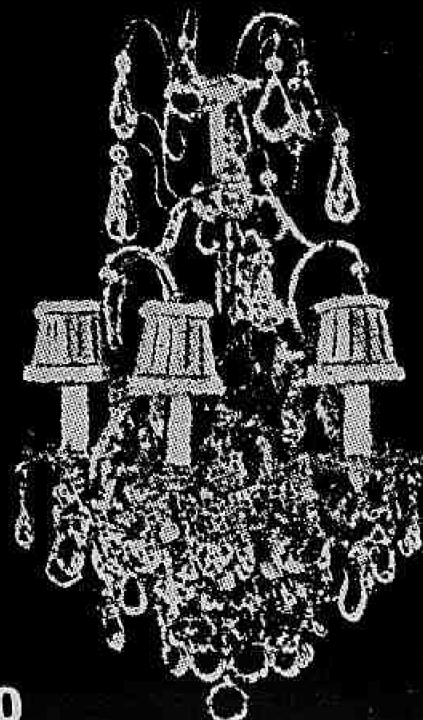

5

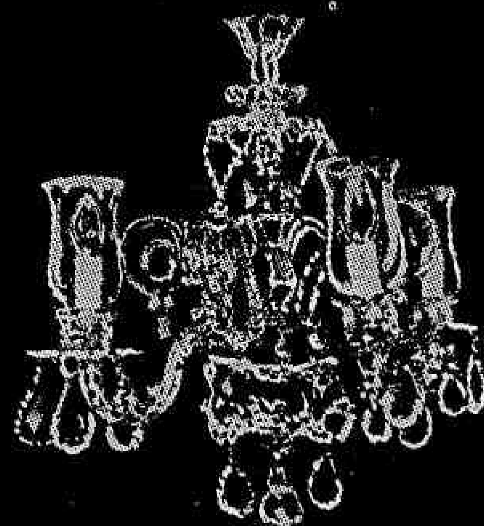

6

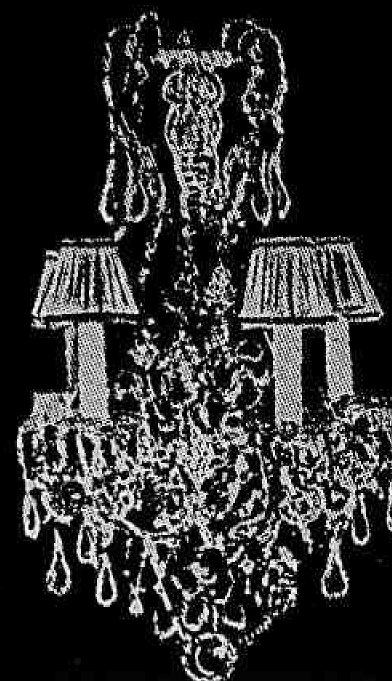

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor preço

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBÔLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS

ALBUM DE

a Cena Muda

PARA 1952

★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★